

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão  
**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**  
Escola Nacional de Ciências Estatísticas

**Textos para discussão**  
**Escola Nacional de Ciências Estatísticas**  
**Número 27**

# **O CICLO E A TANGENTE: *DEKASSEGUIS* BRASILEIROS NO JAPÃO (QUESTIONÁRIO B)**

**Kaizô Iwakami Beltrão†**  
**Sonoe Sugahara‡**

Rio de Janeiro  
2009

---

† kaizo.beltrao@ibge.gov.br  
‡ sonoe.pinheiro@ibge.gov.br

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093

**Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.**

*ISBN* 978-85-240-4095-5

© IBGE. 2009

**Impressão**

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2009.

**Capa**

Gerência de Criação/CDDI

---

Beltrão, Kaizô I. (Kaizô Iwakami)

O Ciclo e a tangente : *dekasseguis* brasileiros no Japão : (questionário B) / Kaizô Iwakami Beltrão, Sonoe Sugahara. - Rio de Janeiro : Escola Nacional de Ciências Estatística, 2009.

69 p. – (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093 ; n. 27)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-4095-5

1. Trabalhadores estrangeiros brasileiros – Japão. 2. Brasileiros – Japão – Identidade. 3. Japoneses – Brasil – Identidade étnica. 4. Imigrantes – Japão. 5. Imigrantes – Brasil. 6. Migração. I. Sugahara, Sonoe. I. IBGE. III. Escola Nacional de Ciências Estatística (Brasil). IV. Série.

**Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais** CDU 331.024:314.742(81:520)

RJ/IBGE/2009-19

ECO

# SUMÁRIO

I – Introdução .....	7
II – A população de brasileiros no Japão .....	9
II.1 – Contingente e Distribuição etária .....	9
II.2 – Distribuição espacial e movimentos migratórios .....	13
II.3 – Mercado de Trabalho.....	19
II.4 – Famílias e Domicílios.....	26
III – Um breve perfil dos trabalhadores entrevistados .....	28
III. 1 - Características pessoais.....	28
III. 2 A vida no Japão .....	33
III. 3 Capacitação .....	48
IV – Comentários e Conclusões .....	54
Bibliografia.....	56
Anexo I – Tabelas .....	58
Anexo II – Questionário B .....	63



# RESUMO

Este texto apresenta os resultados de um dos componentes de um projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis*) sobre os *dekasseguis*, particularmente sobre os dados do questionário aplicado aos *dekasseguis* brasileiros no Japão em janeiro de 2004. Uma grande barreira à adaptação no Japão está relacionada com a língua e os costumes. A maior parte dos *dekasseguis* ainda que apresentem um fenótipo de nativo japonês, e embora tenham ancestrais japoneses razoavelmente próximos, não se comportam mais como japoneses. Esta aparente contradição entre o ser e o parecer gera conflitos de adaptação por parte dos migrantes e de aceitação por parte dos nativos. Este conflito de identidade já existia no Brasil, mas a ida ao Japão só reforça o sentimento de não pertinência a este país, e conseqüentemente reforça a identidade brasileira, expressa pela grande proporção de indivíduos que declaram “saudades do Brasil” como o problema que enfrenta no Japão. A pesquisa apontou que a motivação da ida ao Japão está ligada principalmente a questões econômicas, o que explica também a maior proporção de homens que viajam sozinhos e os reiterados retornos no caso de insucesso no Brasil, principalmente para o pessoal de mais baixa escolaridade. O comportamento cíclico dos *dekasseguis* com reiteradas idas e vindas no eixo Brasil-Japão, migrações internas freqüentes bem como mudanças de emprego e passagens por períodos de desemprego no Japão (ainda que possivelmente curtos) tipificam o padrão do movimento *dekassegui*.

A maioria dos entrevistados declarou que não pretende se fixar no Japão. É possível, porém, que como ocorreu com seus antepassados que vieram para o Brasil com o firme propósito de retornar posteriormente para o Japão e aqui ficaram, a situação simétrica possa vir a ocorrer com estes *dekasseguis* – construam uma vida permanente no Japão. Uma outra possibilidade seria a não resolução do conflito em nenhuma dos dois países tornando permanente e ciclicamente recorrente o movimento migratório. As evidências mais recentes de informações do Censo japonês de 2005 apontam para, além de novos contingentes de *nikkeys* brasileiros, a existência simultânea de indivíduos nos dois grupos já mencionados: os que permanecem no ciclo e os que parecem ter saído pela tangente e estão envelhecendo no Japão.

**Palavras chaves:** *dekassegui*, remessas internacionais, migração laboral Brasil Japão, integração no Japão, conflitos culturais

# ABSTRACT

This paper presents the results of part of a project undertaken by ABD (Brazilian Association of *Dekasseguis*) on Brazilian *dekasseguis*, particularly related to the data of the questionnaire applied to Brazilian *dekasseguis* in Japan in January 2004. A great obstacle to the adaptation of Brazilians in Japan is related to language and mores. Most of the *dekasseguis* although sporting the looks of a native Japanese, and even with relatively close Japanese ancestry, do not behave as the Japanese do. This apparent contradiction between looks and behavior generates endless conflicts in the adaptation of the migrants and in their acceptance by the natives. This identity conflict already existed in Brazil, but once in Japan the feeling of not fitting in is reinforced and consequently Brazil and the Brazilian identity are seen as safe havens. This is clearly perceived by the large amount of individuals that declare homesickness as the main problem they face. Survey findings show that their initial motivation for going to Japan is economic, which also explains the relatively high number of men who travel alone. Often, in case of failure in Brazil upon their return, they return to Japan once again. This behavior is more common among people of lower schooling. The cyclical behavior of the *dekasseguis* is characterized by a going back and forth along the Brazil-Japan axis, frequent internal migrations, frequent change of jobs, and frequent periods of unemployment in Japan (though possibly short). The majority of the *dekasseguis* interviewed in the survey declared no intention of settling down in Japan. It is possible, however, that, as occurred with their ancestors who went to Brazil with the firm intention of returning later to Japan but stayed permanently in Brazil, a similar though reverse situation could happen to the *dekasseguis* - they could build for themselves a permanent life in Japan. Another possibility would be no resolution of the conflict in either of the two countries, making the migratory movement permanent and cyclically recurrent. Most recent data from the Japanese 2005 Census point to, besides the new contingents of Brazilian *nikkeys*, the co-existence of the two already mentioned types of individuals: those still in the cycle and those who apparently spin-off the process and are growing old in Japan.

**Key words:** *dekassegui*, international remittances, labor migration Brazil Japan, integration in Japan, cultural conflicts

# I – INTRODUÇÃO

O termo *dekassegui* (出稼ぎ), em japonês é formado por dois ideogramas (*kanji*), *deru* (出る - sair) e *kassegu* (稼ぐ - ganhar dinheiro), e é aplicado a qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar, temporariamente, em outra região<sup>1</sup>. Originalmente, este termo era aplicado aos trabalhadores sazonais, principalmente do norte do Japão, que no inverno procuravam trabalho mais ao sul. Agora no Japão este termo é aplicado aos trabalhadores estrangeiros temporários que lá estão com o intuito de ganhar dinheiro (exclui os expatriados – trabalhadores de firmas estrangeiras). No Brasil, a apropriação do termo ganhou contornos mais específicos, referindo-se aos brasileiros de origem nipônica e suas famílias que emigram para o Japão em busca de trabalho, o chamado “fenômeno *dekassegui*”. Este movimento começou em meados da década de 1980 (ver Naoto, 2003) e, oficialmente, teve início em junho de 1990, com a mudança na legislação de imigração japonesa, que permitiu aos descendentes de japoneses receberem visto temporário de longa estadia (que dado o status que concede, permite a atividade econômica no país). Constituiu parte de um movimento migratório que se intensificou a partir dos anos 1980 com a crise econômica e inclui outros destinos além do Japão. Em 2002 a estimativa do Ministério das Relações Exteriores era de cerca de 2 milhões de brasileiros vivendo no exterior em países como: Estados Unidos (750 mil pessoas), Paraguai (350 mil) e Europa e outras regiões em geral (705 mil)<sup>2</sup> - e quebrou a tendência histórica de um país que sempre foi um grande receptor de imigrantes de diferentes países.

O Brasil já havia recebido entre o século XIX e início do século XX e, portanto antes de 1908, início da imigração japonesa, cerca de 2 milhões de imigrantes italianos além de imigrantes portugueses e espanhóis. Neste período aconteceu uma maciça migração da Europa e parte da Ásia para as Américas. Estima-se que até 1941<sup>3</sup>, período

---

<sup>1</sup> Ver Hoshi (1969).

<sup>2</sup> Ver Azevedo, Débora Bithiah, Brasileiros no Exterior, Nota técnica, Câmara do Deputados, 2004 – disponível em <http://www2.camara.gov.br/comissoes/credn/publicacao/NotatecnicaBrasileirosExterior.html> - acessado em 20/06/2008.

<sup>3</sup> Ainda que o tratado de amizade Brasil-Japão tivesse sido assinado em 1895 e as representações diplomáticas instaladas dois anos depois, foi somente em 1907 que a Cia Imperial de Migração e a Secretaria de Agricultura de São Paulo assinaram o contrato para o envio de 3 mil migrantes no período de 3 anos. O

que Saito (1980) classifica como fase I, tenham entrado quase 200 mil imigrantes japoneses e, entre 1953 e 1962 que ele classifica como fase II, 50 mil. Os imigrantes da fase I de Saito caracterizavam-se por serem de procedência rural (pequenos proprietários ou proprietários arrendatários no Japão) direcionados aqui principalmente para a cultura do café e que vinham com a intenção de retorno após o sucesso. Os imigrantes da fase II, muitos deles das antigas possessões e colônias japonesas (Taiwan, Coréia, Manchúria, etc.) vieram com o intuito de relocação permanente e foram dispersos em núcleos coloniais (Amazônia, Nordeste, Sul, São Paulo e Paraná). Com o aumento da industrialização no Japão e o “milagre brasileiro”, a fase III (pós 1963) trouxe um novo tipo de migrante caracterizado por capital-tecnologia-empresário, um contingente bem menos expressivo e com uma permanência limitada no país.

A partir do final da década de 80 (como já mencionado) o fluxo de migrantes muda de direção. Esta reversão na tendência histórica se intensificou com a crise econômica brasileira dos anos 1980 e se tornou parte do movimento de globalização com a incorporação de fluxos internacionais de mão de obras aos crescentes fluxos de bens, serviços e capitais a nível mundial e, no caso do “fenômeno *dekassegui*” obviamente fruto da posição do Japão entre as potências industrializadas. Em princípio, coube aos *dekasseguis* os trabalhos de baixa qualidade, rejeitados pelos japoneses e por eles denominados de “3K”: *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso). “Os brasileiros incluem ainda outras duas características [a este tipo de trabalho]: exigente, [*kibish*] e detestável [*kirai*]” (Rossini, 2004).

Em 2000, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão, aproximadamente 254 mil brasileiros<sup>4</sup> viviam no Japão, remetendo anualmente entre US\$ 1,5 e US\$ 2 bilhões para o Brasil<sup>5</sup>. Os brasileiros representam o terceiro maior contingente imigrante no Japão, atrás apenas dos chineses e dos coreanos. No Brasil, estes *dekasseguis* são contabilizados como o terceiro maior grupo vivendo fora do país. As remessas *per capita* dos *dekasseguis* são bem superiores às de outros migrantes laborais. Como o trabalho no Japão é relativamente bem pago, na prática não há limites para o número de horas trabalhadas e o câmbio iene-dólar foi favorável durante um largo período, as remessas enviadas do Japão para a América Latina constituem-se presentemente nos maiores valores individuais deste tipo de fluxo monetário. Segundo pesquisa do BID divulgada em Okinawa (abril de 2005), os *dekasseguis* enviaram US\$600 por mês em média para as suas famílias<sup>6</sup>, valor bem superior aos US\$350 por ano enviados pelos imigrantes latinos dos EUA para seus parentes na América Latina.

Este texto apresenta os resultados de um dos componentes de um projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis*) sobre os *dekasseguis* brasileiros no Japão, particularmente sobre os dados do questionário aplicado aos *dekasseguis* brasileiros no Japão em janeiro de 2004 (denominado questionário B). O projeto incluiu também a aplicação de questionários a dois outros grupos: (i) *dekasseguis*

---

Kasato Maru, partiu do porto de Kobe em 28 de abril levando os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil: 158 famílias num total de 781 pessoas. Este navio chega ao porto de Santos no dia 18 de junho.

<sup>4</sup> Ministério da Justiça do Japão, 2001. Os dados do Censo japonês de 2000 indicam um valor menor, de 188 mil. Para 2005, o Ministério da Justiça informa um contingente de 302 mil brasileiros, por oposição aos 214 mil identificados no Censo do mesmo ano. Possivelmente a diferença tenha a ver tanto com *dekasseguis* retornados para o Brasil que mantêm a possibilidade do retorno em aberto (ou não) quanto com possíveis óbitos e mudanças internas. Como os dados do Ministério da Justiça são baseados em registros administrativos (baseados na Lei de Registros de Estrangeiros) e coletados nas prefeituras no final do ano, existe com certeza o problema da dupla contagem.

<sup>5</sup> O BID estima que em 2005 sejam enviados US\$ 2,2 bilhões para o Brasil pelos *dekasseguis* (ver BID 2005).

<sup>6</sup> Valores coincidentes com os levantados nesta pesquisa.

que haviam retornado ao Brasil (questionário C ou Beltrão e Sugahara, 2009b); e (ii) potenciais *dekasseguis*, ou seja, brasileiros que tinham planos no curto prazo de irem trabalhar no Japão (questionário A ou Beltrão e Sugahara, 2009a); bem como um levantamento documental (ver [www.abd.net.org.br](http://www.abd.net.org.br) para descrição do projeto na íntegra). No Japão, os questionários foram aplicados a *dekasseguis* brasileiros que participaram das caravanas de saúde<sup>7</sup> promovidas por voluntários ou que se dirigiram ao consulado do Brasil em Tóquio ou Nagoya durante o mês de janeiro, totalizando 321 indivíduos, sendo 176 homens e 145 mulheres. O texto se divide em 4 seções, sendo esta primeira, a introdução. Os dados dos censos japoneses (1995, 2000 e 2005) servem para dar uma panorâmica do total da população que este estudo busca analisar e são disponibilizados na segunda seção. Uma análise da população do questionário B encontra-se na terceira seção. A quarta seção apresenta comentários finais. Inclui também dois anexos, o primeiro com diversas tabelas (que aparecem resumidas no texto) e o segundo com a íntegra do Questionário B.

A distribuição por sexo, grupo etário e escolaridade para o Brasil serviu como base para uma pós-estratificação, onde se definiram os pesos de cada indivíduo na amostra colhida no Japão. A amostra foi expandida para reproduzir a distribuição de sexo/idade/escolaridade com uma defasagem de 10 anos. Os dados dos questionários foram digitados utilizando-se o pacote CSPRO. Para as tabulações utilizou-se o mesmo pacote. Os gráficos foram feitos com o excel.

## II – A população de brasileiros no Japão

### II.1 – Contingente e Distribuição

A população brasileira no Japão constituiu nos três últimos censos (1995, 2000 e 2005) o terceiro maior contingente de estrangeiros, o maior depois dos de coreanos e de chineses. No último quinquênio considerado, porém, aumentou o hiato quantitativo entre brasileiros e chineses residentes no Japão. Ao contrário das principais populações asiáticas residentes no Japão (Coréia, China, Filipinas e Tailândia), a população brasileira masculina é maior do que a feminina (ver Gráfico 1 a Gráfico 3 e Tabela 1), de alguma forma refletindo o tipo de trabalho e a distância ao país de origem (características compartilhadas com os peruanos). A maior diferença dos *dekasseguis* latinoamericanos com a população de outros estrangeiros no Japão tem a ver com a origem: brasileiros e peruanos residentes no Japão, são usualmente descendentes de japoneses (*nikkeys* 日系, literalmente de linhagem japonesa) ou casados com descendentes, condição necessária para o visto de longa permanência que permite a atividade laboral.

---

<sup>7</sup> Esta seleção muito provavelmente exclui os brasileiros mais integrados na sociedade japonesa, com rendas mais altas, maior tempo de permanência no Japão etc.

**Tabela 1 – Maiores contingentes de estrangeiros residentes no Japão – Censos de 1995, 2000 e 2005**

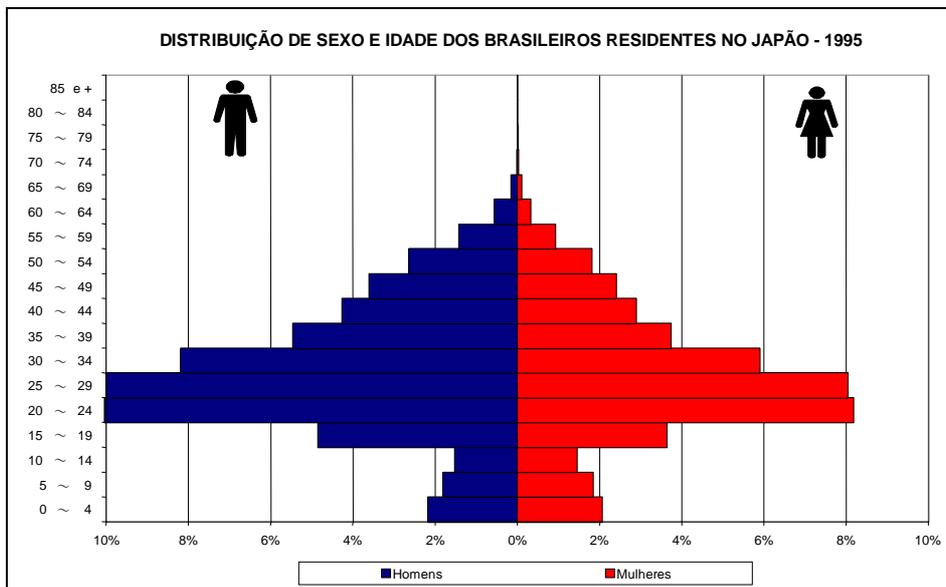
	1995			2000			2005		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Coréia	560.414	271.529	288.885	529.408	249.045	280.363	466,637	213,046	253,591
China	175.450	84.040	91.600	253.096	110.541	142.555	346,877	138,611	208,266
Brasil	133.609	75.758	57.851	188.355	103.246	85.109	214,049	117,478	96,571
Filipinas	68.496	14.049	54.447	93.662	16.555	77.107	123,747	23,508	100,239
EUA	38.954	23.516	15.438	38.804	24.096	14.708	37,417	23,969	13,448
Peru	27.112	15.661	11.451	33.608	18.295	15.313	40,091	21,187	18,904
Tailândia	20.628	7.621	13.007	23.967	6.504	17.463	26,429	6,465	19,964
UK	8.789	5.457	3.332	10.411	6.686	3.725	9,605	6,838	2,767
Vietnã	7.942	4.348	3.594	12.965	6.371	6.594	20,630	10,458	10,172
Irã	7.576	6.951	625	4.348	3.895	453	n.d.	n.d.	n.d.
Malásia	6.556	4.232	2.324	5.849	3.337	2.512	n.d.	n.d.	n.d.
Indonésia	6.322	4.261	2.061	14.610	10.741	3.869	18,041	12,129	5,912
Canadá	5.824	3.398	2.426	7.067	4.338	2.729	n.d.	n.d.	n.d.
Bangladesh	5.012	4.345	667	5.548	4.501	1.047	n.d.	n.d.	n.d.
Paquistão	4.852	4.487	365	4.666	4.136	530	n.d.	n.d.	n.d.
Austrália	4.759	2.503	2.256	6.148	3.494	2.654	n.d.	n.d.	n.d.
Índia	4.244	3.059	1.185	5.771	3.998	1.773	n.d.	n.d.	n.d.

Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão. Disponível no endereço <http://www.stat.go.jp/english/data/kokusei/indez/html>

Nota: n.d. Não disponível nas tabelas divulgadas até agora.

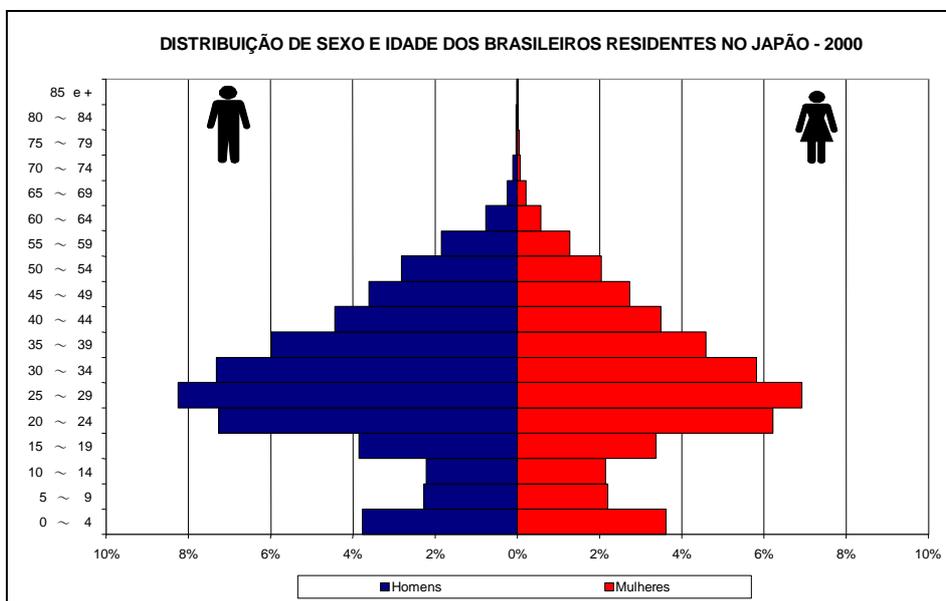
A distribuição etária da população de brasileiros no Japão (ver Gráfico 1 ao Gráfico 3) mostra que a população está concentrada nas idades laborais: em 1995, 79% tinham entre 20 e 59 anos, e este percentual cai para 75% nos censos seguintes. O que se pode notar analisando seqüencialmente os gráficos apresentados é um envelhecimento desta população. A idade média desta população passa de 29,7 em 1995 para 29,8 em 2000 e 31,1 em 2005. Parte do pouco aumento observado no primeiro quinquênio está relacionado com o aumento da fecundidade aparente (crianças nas famílias). Se for considerada tão somente a idade média da população adulta (acima de 20 anos), as idades médias correspondentes aos três censos seriam: 34,0, 35,9 e 37,4. A razão de sexo nas idades laborais também se modifica no período (ver Gráfico 4), caindo no primeiro quinquênio e se estabilizando depois. A combinação dos dois fatores (queda na razão de sexo) e o aumento da proporção de crianças na população parecem indicar uma migração de caráter mais familiar e possivelmente com uma maior probabilidade de fixação. Entre o pessoal mais velho (60 anos e mais em 2000) observa-se no último quinquênio considerado, um retorno de pelo menos metade dos indivíduos.

**Gráfico 1 – Distribuição etária dos brasileiros no Japão em 1995**



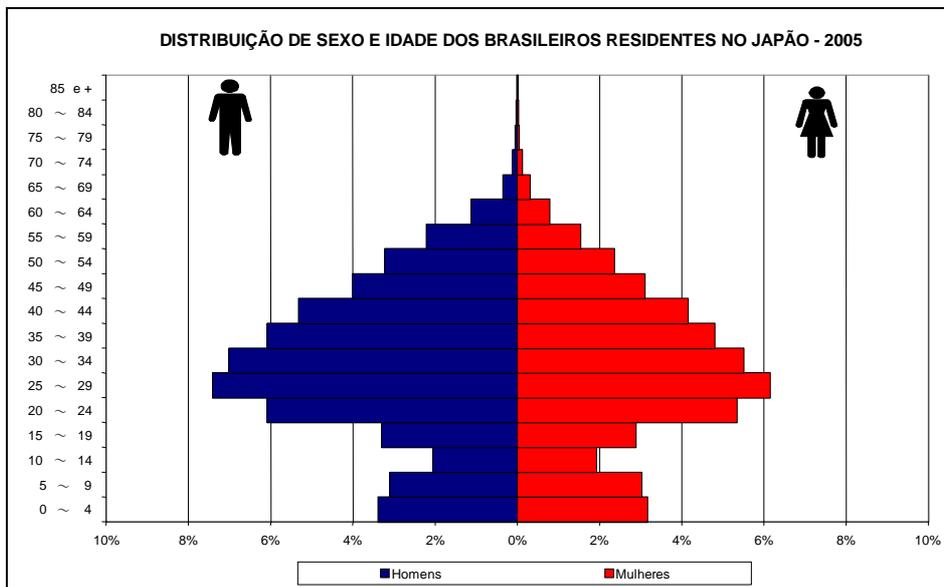
Fonte: Bureau de Censos Ministério do, Interior e Comunicações, Japão.

**Gráfico 2 – Distribuição etária dos brasileiros no Japão em 2000**



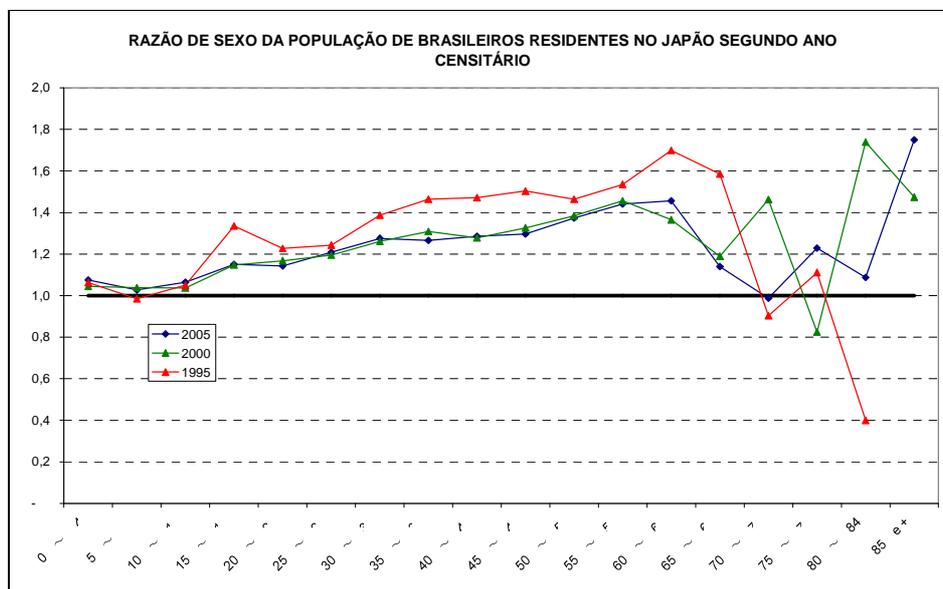
Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

**Gráfico 3 – Distribuição etária dos brasileiros no Japão em 2005**



Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

**Gráfico 4 – Razão de sexo da população de brasileiros residentes no Japão segundo ano censitário – 1995-2005**



Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

## **II.2 – Distribuição espacial e movimentos migratórios**

Esta população de brasileiros se encontra principalmente na região central do Japão, como pode ser verificado a partir dos dados da Tabela 2 (população em 2000) e da Tabela 3 (população em 2005) confrontando com o Mapa 1, principalmente nas províncias de Shizuoka e Aichi, além de seis outras vizinhas<sup>8</sup>. Estas oito províncias abrigavam, em 2005, 73% dos brasileiros presentes no Japão. Estas províncias estão concentradas nas regiões da costa do Pacífico de Chubu e na região oeste de Kanto. Esta região abriga importantes pólos industriais do Japão.

**Tabela 2 – Distribuição dos brasileiros no Japão segundo províncias selecionadas e sexo - 2000**

	Números absolutos			Distribuição (%)		
	Ambos os sexos	Homens	Mulheres	Ambos os sexos	Homens	Mulheres
<b>Japão</b>	<b>188.355</b>	<b>103.246</b>	<b>85.109</b>			
Ibaraki-ken	7.447	4.325	3.122	4,0	4,2	3,7
Tochigi-ken	6.352	3.379	2.973	3,4	3,3	3,5
Gumma-ken	11.596	6.253	5.343	6,2	6,1	6,3
Saitama-ken	9.190	4.986	4.204	4,9	4,8	4,9
Chiba-ken	4.563	2.362	2.201	2,4	2,3	2,6
Tokyo-to	3.035	1.496	1.539	1,6	1,4	1,8
Kanagawa-ken	9.003	4.817	4.186	4,8	4,7	4,9
Yamanashi-ken	3.347	1.871	1.476	1,8	1,8	1,7
Nagano-ken	15.632	7.998	7.634	8,3	7,7	9,0
Gifu-ken	10.600	5.843	4.757	5,6	5,7	5,6
Shizuoka-ken	27.956	15.702	12.254	14,8	15,2	14,4
Aichi-ken	35.786	19.560	16.226	19,0	18,9	19,1
Mie-ken	10.781	6.071	4.710	5,7	5,9	5,5
Shiga-ken	7.509	4.255	3.254	4,0	4,1	3,8
Osaka-fu	3.211	1.842	1.369	1,7	1,8	1,6
Hiroshima-ken	3.549	1.855	1.694	1,9	1,8	2,0
Demais Províncias	18.798	10.631	8.167	10,0	10,3	9,6

Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

---

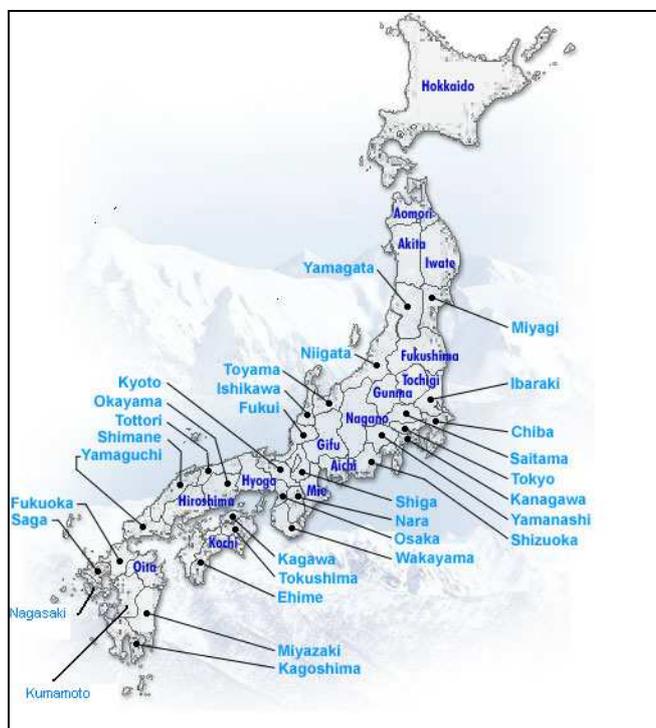
<sup>8</sup> Ver tabelas no Anexo para a íntegra das províncias

**Tabela 3 – Distribuição dos brasileiros no Japão segundo províncias selecionadas e sexo – 2005 e variação entre 2000 e 2005.**

	Números absolutos			Variação 2000/2005 (%)		
	Ambos os sexos	Homens	Mulheres	Ambos os sexos	Homens	Mulheres
<b>Japão</b>	214049	117478	96571	<b>14%</b>	<b>14%</b>	<b>13%</b>
Ibaraki-ken	7587	4227	3360	2%	-2%	8%
Tochigi-ken	6893	3662	3231	9%	8%	9%
Gumma-ken	12805	6979	5826	10%	12%	9%
Saitama-ken	9031	4957	4074	-2%	-1%	-3%
Chiba-ken	3849	1950	1899	-16%	-17%	-14%
Tokyo-to	2683	1350	1333	-12%	-10%	-13%
Kanagawa-ken	9190	5027	4163	2%	4%	-1%
Yamanashi-ken	3949	2122	1827	18%	13%	24%
Nagano-ken	13132	6728	6404	-16%	-16%	-16%
Gifu-ken	13687	7579	6108	29%	30%	28%
Shizuoka-ken	35652	20109	15543	28%	28%	27%
Aichi-ken	48791	26706	22085	36%	37%	36%
Mie-ken	14212	7835	6377	32%	29%	35%
Shiga-ken	9697	5367	4330	29%	26%	33%
Osaka-fu	2626	1508	1118	-18%	-18%	-18%
Hiroshima-ken	3535	1938	1597	0%	4%	-6%
Demais Províncias	16.730	9.434	7.296	-11%	-11%	-11%

Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

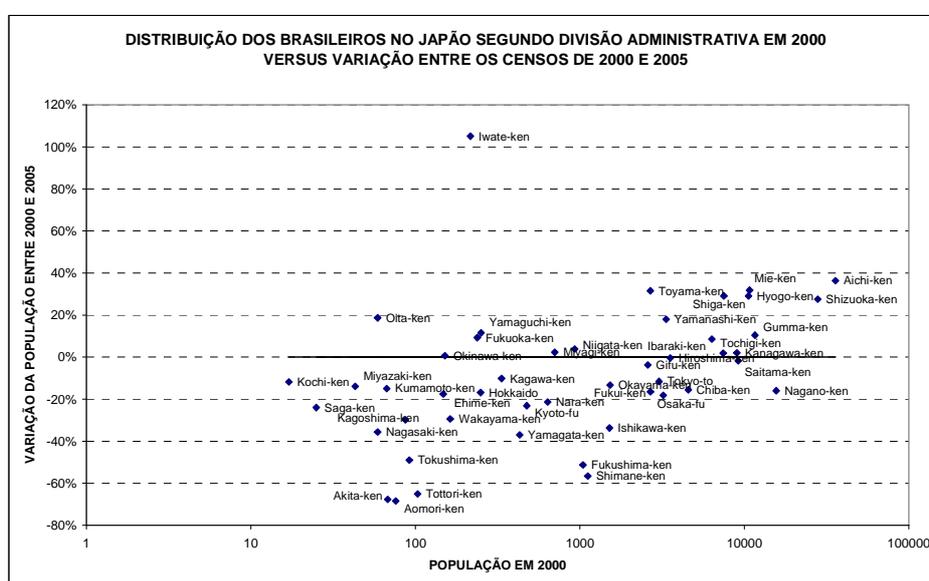
**Mapa 1 – Províncias do Japão**



Fonte: adaptado de <http://emich.edu/worldlanguages/jpne/>

O que se observou entre 2000 e 2005 foi um movimento de concentração geográfica da população de brasileiros no Japão (ver Tabela 3): ainda que o crescimento total desta população tenha sido de 14%, províncias com maior contingente de brasileiros em 2000 apresentaram crescimento, ao contrário das províncias com menor contingente, que perderam brasileiros. Este movimento de concentração pode ser observado no Gráfico 5 que apresenta a variação do contingente de brasileiros por província no quinquênio entre 2000 e 2005 como função do contingente em 2000. Nota-se uma correlação positiva entre tamanho do contingente e variação no período, ou seja, observa-se uma diminuição do contingente em províncias com menor população de brasileiros e um aumento concomitante naquelas com maior população.

**Gráfico 5 - Distribuição dos brasileiros no Japão segundo divisão administrativa em 2000 versus variação entre os censos de 2000 e 2005**



Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

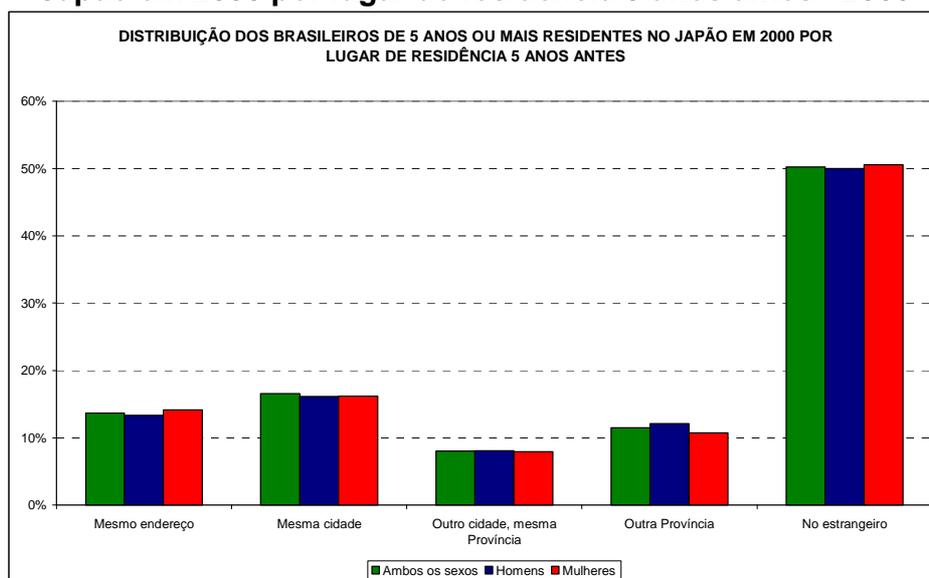
Quando se analisa a localização dos brasileiros que estavam no Japão em 2000 cinco anos antes da data do censo (migração de data fixa<sup>9</sup>), percebe-se que cerca de metade dos homens e mulheres declarou que não se encontrava no Japão em 1995 e, portanto a sua permanência no Japão datava de menos de 5 anos (ver Gráfico 6). Estes números apontam para uma grande rotatividade entre os *dekasseguis* já que o fluxo tem se mantido razoavelmente estável. Considerando que o crescimento de brasileiros registrados entre os dois censos foi da ordem de 78 mil<sup>10</sup>, pelo menos 16 mil dos que declararam não se encontrar no Japão em 1995, mas que foram contabilizados no Censo de 2000, deveriam ser *dekasseguis* retornados. Entre os que se encontravam no Japão há mais de cinco anos, observa-se também uma certa mobilidade, porém principalmente

<sup>9</sup> Esta informação não está ainda disponível para o Censo de 2005.

<sup>10</sup> Ministério da Justiça.

intraprovincial. Os que permaneciam no mesmo endereço eram em torno de 13% (homens) e 14% (mulheres). Uma proporção um pouco maior (16,5%) mudou de endereço na mesma cidade. Cerca de 8,0% mudou de cidade na mesma província e 11,5% de província.

**Gráfico 6 – Distribuição dos brasileiros de 5 anos ou mais residentes no Japão em 2000 por lugar de residência 5 anos antes - 2000**

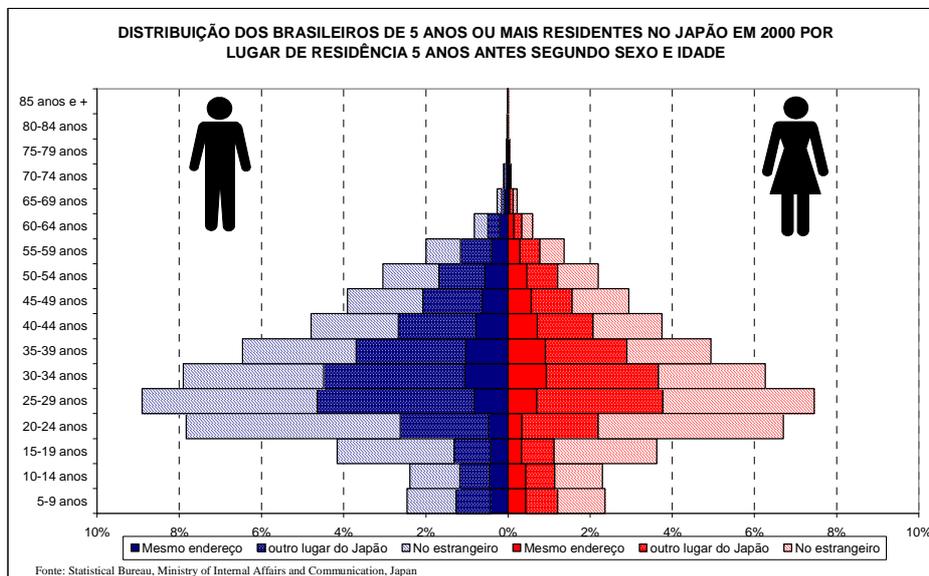


Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

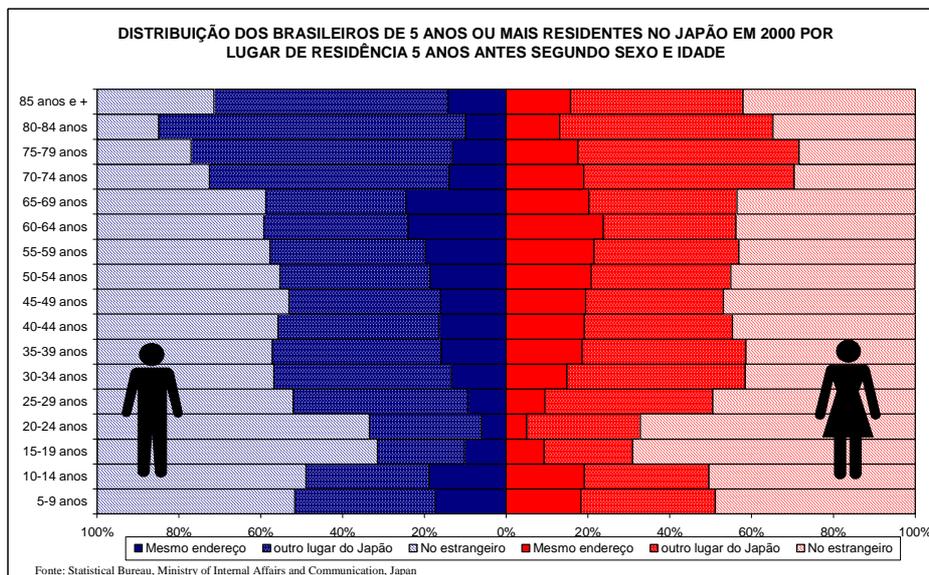
Quando se desagrega esta informação sobre o lugar de residência<sup>11</sup> 5 anos antes por grupos etários, observa-se que o maior contingente dos que permaneceram no mesmo endereço se encontra no grupo etário entre 30 e 40 anos de idade, tanto entre os homens como entre as mulheres, quando se considera a população como um todo (Gráfico 7). Analisando-se por faixa etária, observa-se que o maior percentual dos que permaneceram no mesmo endereço encontra-se no grupo etário entre 60 e 69 anos para os homens e 55 e 65 anos para as mulheres (Gráfico 8). O maior contingente dos que se encontram há menos de 5 anos no Japão está no grupo etário entre 15 e 24 anos, para homens e mulheres (Gráfico 7 e Gráfico 8). Em se abstraindo os grupos etários extremos (os mais velhos e os mais novos), percebe-se que a proporção de indivíduos que declararam ter estado fora do Japão 5 anos antes decresce como função da idade, indicando uma possível permanência no Japão de parte do contingente.

<sup>11</sup> Neste gráfico foram consideradas três categorias agregando-se as intermediárias dentro do Japão.

**Gráfico 7 – Distribuição dos brasileiros de 5 anos ou mais residentes no Japão em 2000 por lugar de residência 5 anos antes segundo grupo etário e sexo - 2000**

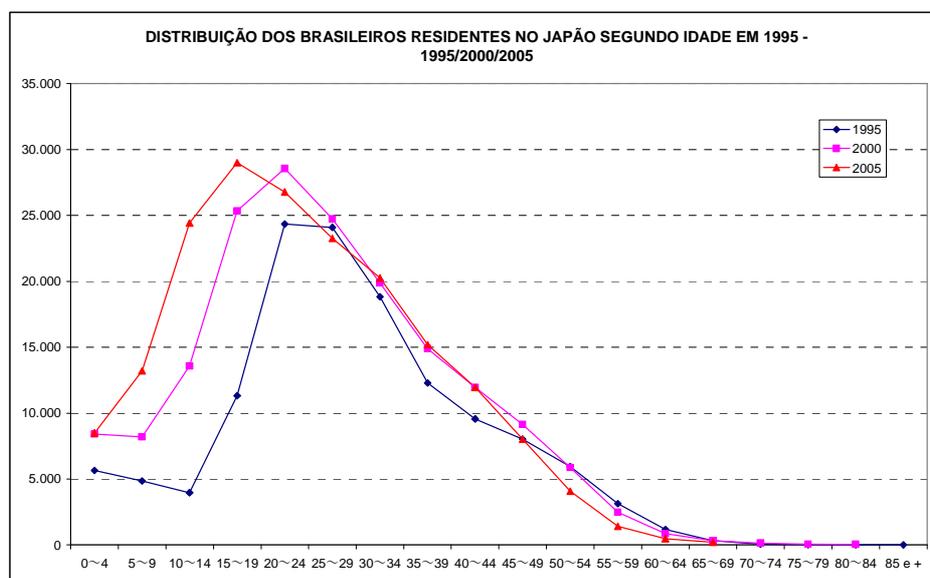


**Gráfico 8 – Distribuição dos brasileiros de 5 anos ou mais residentes no Japão em 2000 por lugar de residência 5 anos antes segundo grupo etário e sexo (percentuais por faixa etária) - 2000**



O Gráfico 9 apresenta a distribuição dos brasileiros no Japão (ambos os sexos) segundo o grupo etário em 1995. Neste gráfico a população que ainda não havia nascido em 1995 não aparece. Observa-se que para os grupos etários entre 30 e 44 anos, as curvas correspondentes aos anos de 2000 e 2005 são basicamente coincidentes, indicando que o contingente permanece quase constante no período. Por exemplo que existiam o mesmo número de brasileiros no Japão com 30 a 34 anos em 2000 que com 35 a 39 anos em 2005. As maiores diferenças entre as curvas acontecem nas idades mais jovens indicando entradas nestes grupos.

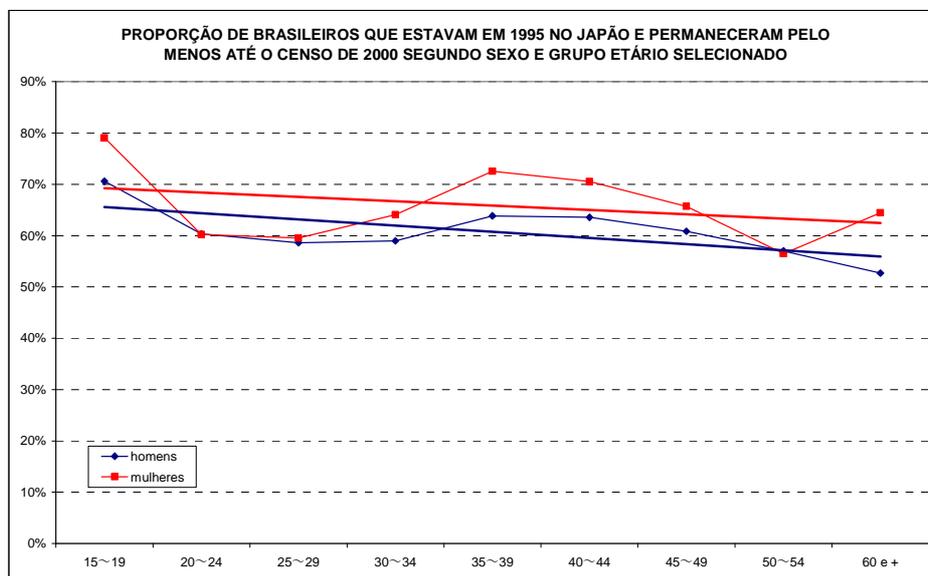
**Gráfico 9 - Distribuição dos brasileiros residentes no Japão segundo idade em 1995 - 1995/2000/2005**



Fonte: Statistical Bureau, Ministry of Internal Affairs and Communications, Japão, Censos 1995, 2000 e 2005.

O interessante é verificar dentre os que estão no Japão em uma dada data, a probabilidade de não retornarem para o Brasil num certo período. Dadas as características dos Censos japoneses, este cálculo só pode ser feito (e indiretamente) para o ano de 1995. Como o Censo de 2000 apresenta os brasileiros que já estavam no Japão 5 anos antes, é possível calcular a proporção dos brasileiros que estavam em 1995 no Japão e que não morreram nem migraram para fora do Japão. O Gráfico 10 apresenta esta proporção e confirma as informações acima sobre a permanência de brasileiros no Japão: em torno de 60% dos homens e uma proporção ainda maior das mulheres, permaneceram no Japão pelo menos entre os censos de 1995 e 2000. Observa-se também uma tendência decrescente segundo grupos etários, tanto entre os homens como entre as mulheres. Como estamos calculando a proporção dos que sobreviveram e permaneceram, parte da tendência decrescente apontada pela reta de ajuste pode ser creditada ao aumento das taxas de mortalidade como função da idade. Infelizmente este cálculo não pode ser refeito para os outros anos pois somente o Censo de 2000 perguntou sobre a localização 5 anos antes.

**Gráfico 10 - Proporção de brasileiros que estavam em 1995 no Japão e permaneceram pelo menos até o censo de 2000 segundo sexo e grupo etário selecionado**



Fonte: Statistical Bureau, Ministry of Internal Affairs and Communications, Japão, Censos 1995, 2000.

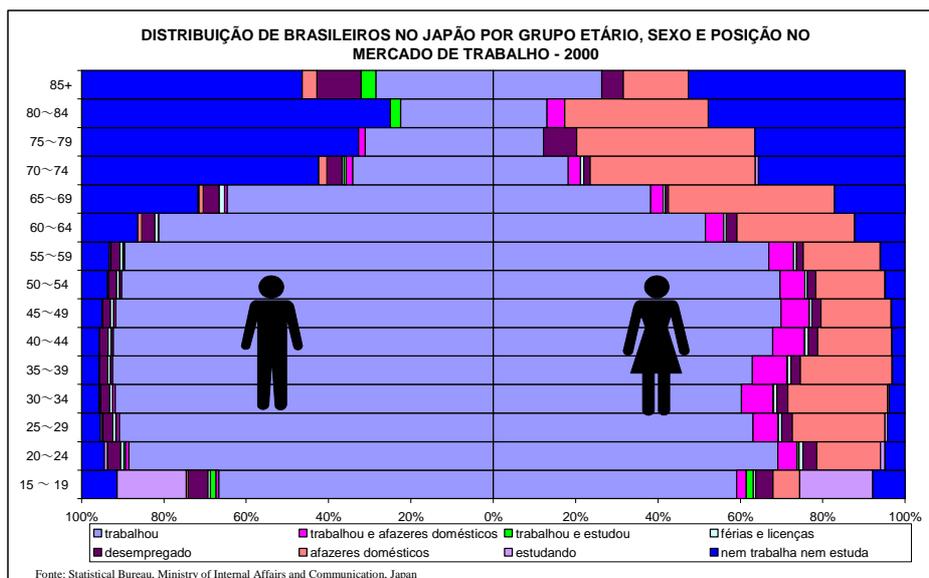
### **II.3 – Mercado de Trabalho**

O Censo japonês informa também para os contingentes estrangeiros a sua situação no mercado de trabalho e educacional. As possibilidades são: (i) trabalhou; (ii) trabalhou fora e em afazeres domésticos; (iii) trabalhou e estudou; (iv) estava em férias ou em licença; (v) desempregado; (vi) trabalhou em afazeres domésticos exclusivamente; (vii) estudou; e (viii) não trabalhou nem estudou. A grande maioria dos homens e mulheres declarou ter apenas trabalhado. Entre as mulheres, a proporção das que declararam ter apenas realizado tarefas domésticas é maior do que as que declararam ter simultaneamente trabalhado e executado tarefas domésticas. Em todos os grupos etários observa-se a presença de indivíduos que declaram não estudar nem trabalhar (ver Gráfico 11 Gráfico 12 com a pirâmide etária em números absolutos, Gráfico 13 e Gráfico 14 com a distribuição para cada combinação de sexo e grupo etário). É preocupante que tendo sido a busca por trabalho a maior motivação para a ida ao Japão dos brasileiros, que exista uma fração, ainda que residual de desempregados (3% da força de trabalho entre os brasileiros no Japão segundo o censo de 2000). Cabe observar que a taxa bruta de desemprego parece apresentar uma tendência crescente nos últimos anos: 2,3% em 1995 e 4,1% em 2005.

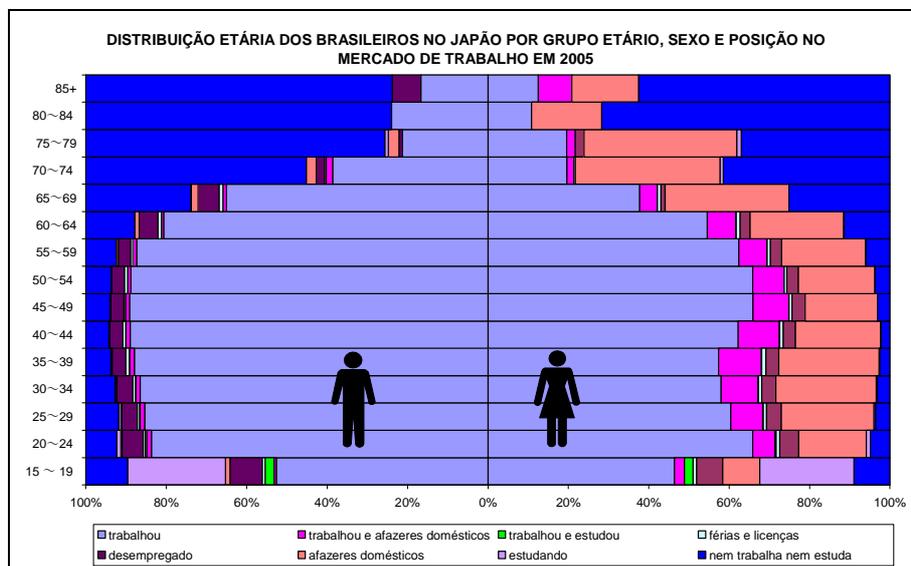


As taxas de atividade (considerando as 5 primeiras categorias no Gráfico 13 e no Gráfico 14 para ambos os sexos) apresentam a forma esperada: unimodal e com valores altos e razoavelmente constantes na faixa dos 25 a 60 anos para os homens; bimodal e com valores mais baixos para as mulheres. Vale a pena notar o valor discrepante para o grupo etário aberto acima de 85 anos de idade. Os estudantes se concentram particularmente nas idades abaixo de 20 anos, mas é estranho existirem indivíduos jovens que declaram não estudar nem trabalhar. A mídia japonesa levanta freqüentemente o problema de delinqüência juvenil entre os brasileiros no Japão. Muito provavelmente este problema está ligado a estes indivíduos mais jovens que não trabalham e não conseguiram (ou não quiseram) se inserir no sistema educacional japonês. As escolas brasileiras no Japão são comparativamente mais caras, mas é a única saída para os indivíduos que chegaram ao Japão acima da idade de alfabetização e sem o conhecimento do idioma falado/escrito japonês. Como várias das famílias de brasileiros consideram a sua situação no Japão como transitória, não se esforçam para inserir os filhos no sistema escolar.

**Gráfico 13 - Distribuição etária dos brasileiros no Japão por sexo e posição no mercado de trabalho em 2000 (% no grupo etário)**



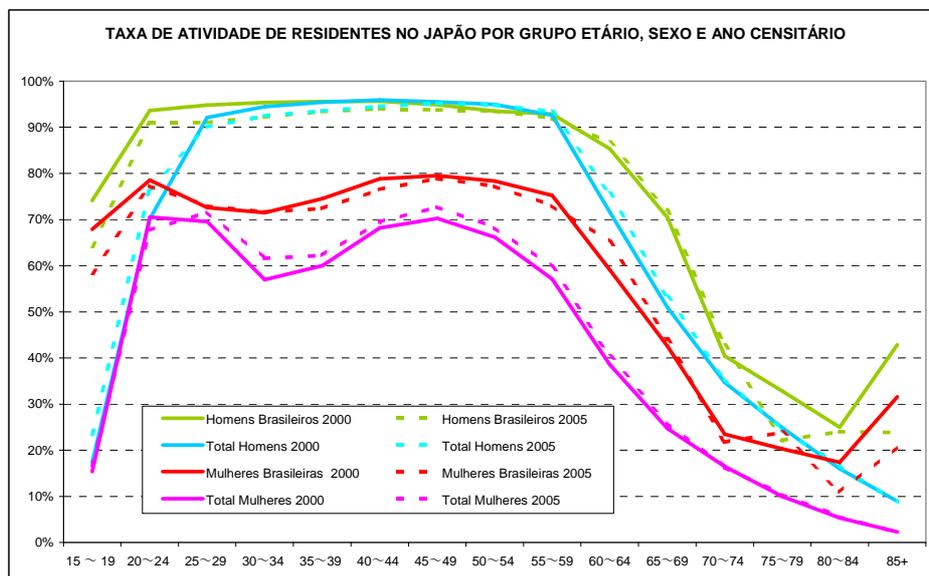
**Gráfico 14 - Distribuição etária dos brasileiros no Japão por sexo e posição no mercado de trabalho em 2005 (% no grupo etário)**



Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

Em se comparando as taxas de atividade dos brasileiros residentes no Japão e do total da população de residentes nos dois últimos anos censitários, 2000 e 2005, notam-se algumas diferenças (ver Gráfico 15): brasileiros apresentam maior taxa de atividade para ambos os sexos, sendo a diferença maior entre as mulheres. Para ambos os sexos nas idades extremas – os mais jovens e os mais velhos; nota-se uma queda no período para brasileiros com menos de 60 anos de ambos os sexos, ao contrário do que se observa para o total de mulheres residentes no Japão; como já observado anteriormente, brasileiras apresentam uma bi-modalidade na taxa de atividade, característica também compartilhada para a população feminina como um todo (mais pronunciada, porém); para as duas populações consideradas, existe um hiato de gênero, com o nível de atividade feminino, menor do que o masculino como na quase totalidade dos países; este hiato de gênero é menor entre os brasileiros.

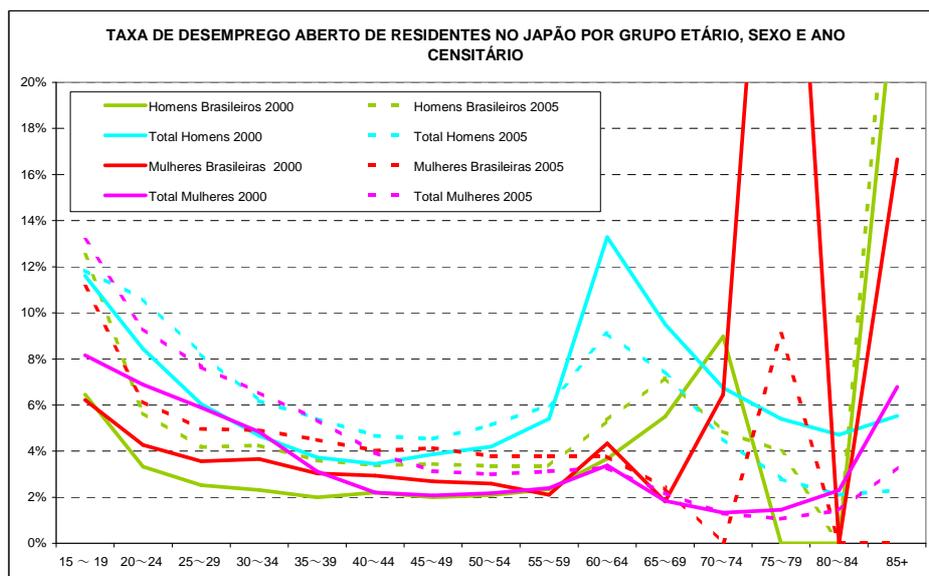
**Gráfico 15 - Taxa de Atividade de Residentes no Japão por Grupo Etário e Sexo – 2000 e 2005**



Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

A taxa de desemprego aberta dos brasileiros é bem inferior ao nível apresentado pela população masculina em geral (pelo menos dois pontos percentuais), diferentemente das populações femininas que apresentam valores semelhantes entre si, a não ser entre os mais jovens, para os quais, as brasileiras apresentam taxas menores.

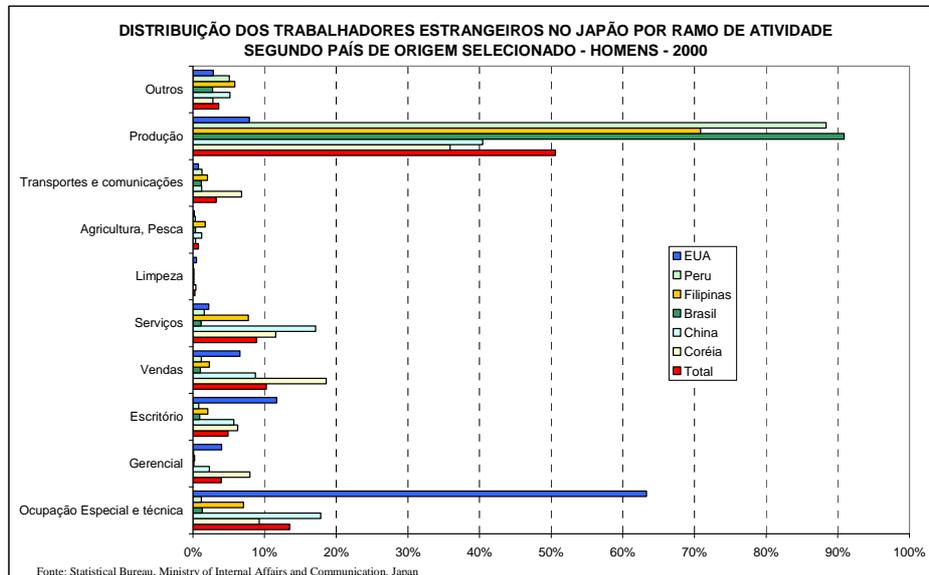
**Gráfico 16 - Taxa de Desemprego Aberto de Residentes no Japão por Grupo Etário e Sexo – 2000, 2005**



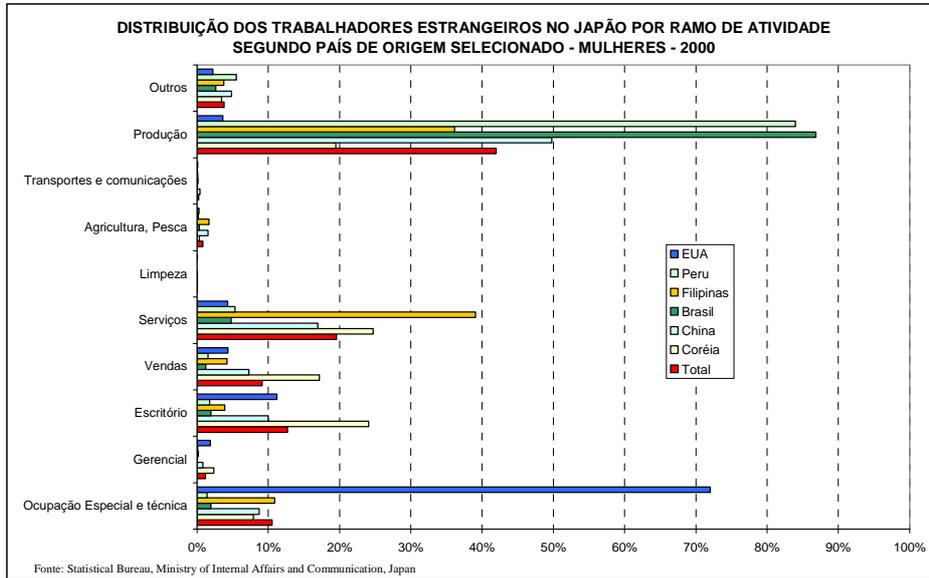
Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

Ao se comparar o tipo de inserção no mercado laboral por ramo de atividade dos brasileiros residentes no Japão com os estrangeiros em geral vê-se uma distribuição bastante concentrada dos brasileiros na produção (90% dos homens brasileiros por oposição a 50% do total de estrangeiros). A grande exceção entre os estrangeiros é a população de americanos que apresenta maior concentração em ocupação técnica e especial (tanto entre os homens como entre as mulheres). Os outros asiáticos como os chineses e coreanos estão representados em serviços e vendas mais fortemente que os brasileiros e peruanos. Entre as mulheres Filipinas, a concentração maior é em serviços e entre as coreanas, serviços e escritórios (ver Gráfico 17 e Gráfico 18 ).

**Gráfico 17 – Distribuição dos trabalhadores estrangeiros no Japão por ramo de atividade de atividade segundo país de origem – Homens - 2000**

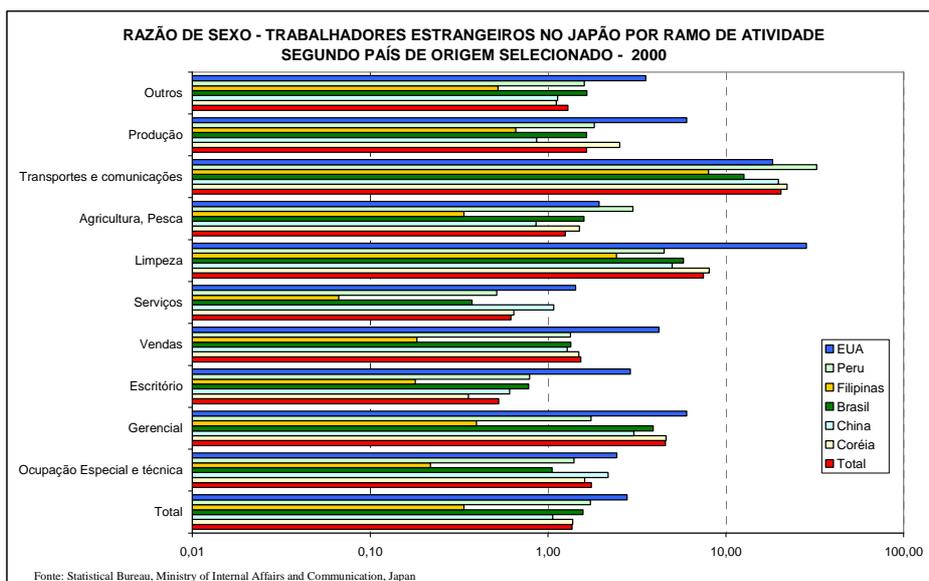


**Gráfico 18 – Distribuição dos trabalhadores estrangeiros no Japão por ramo de atividade segundo país de origem – Mulheres - 2000**



Quando se analisa a razão de sexo dos trabalhadores estrangeiros no Japão, observa-se uma grande presença masculina em transportes e comunicações, seguido de limpeza para todos os países. No caso dos americanos a maior presença masculina se nota em todos os ramos de atividade listados no Gráfico 19 e, no caso dos brasileiros, a presença feminina é maior em serviços e escritório.

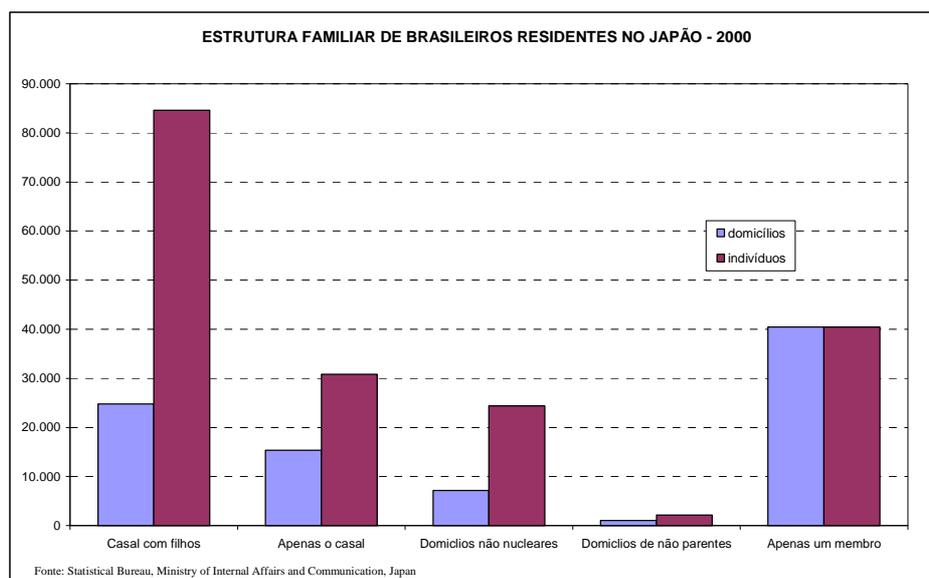
**Gráfico 19 – Razão de sexo dos trabalhadores estrangeiros no Japão por ramo de atividade e país de origem - 2000**



## II.4 – Famílias e Domicílios

A grande maioria dos brasileiros vivia em domicílios<sup>12</sup> caracterizados como casal com filhos. Era grande também o número de indivíduos vivendo sozinhos (Gráfico 20): em torno de 40.000 indivíduos entre os quase 182.500 brasileiros captados no censo japonês de 2000. O número de brasileiros vivendo em domicílios caracterizados como casal com filhos era da ordem de 85.000 em cerca de 25.000 domicílios, perfazendo uma média de 3,4 brasileiros por domicílio caracterizado como casal com filhos.

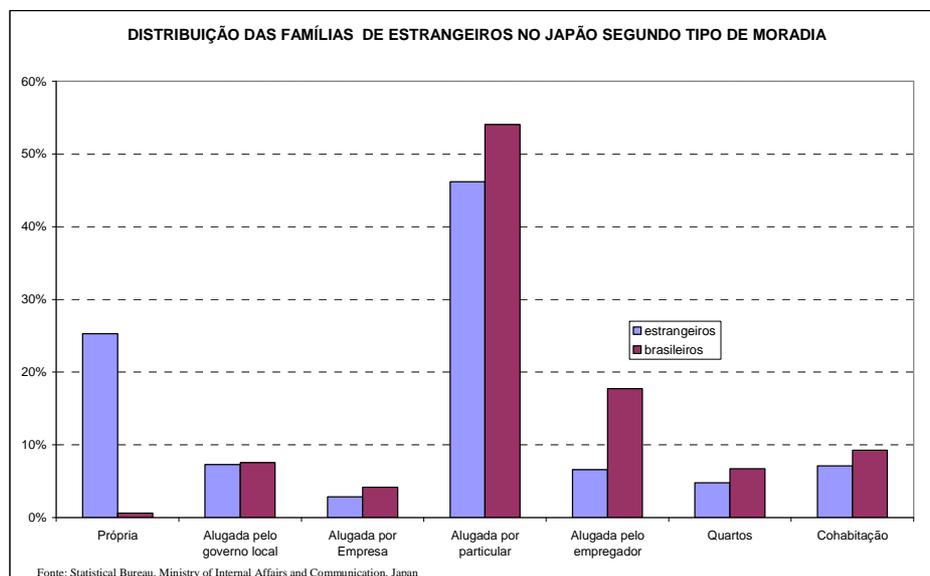
**Gráfico 20 – Estrutura familiar dos brasileiros residentes no Japão em 2000**



Considerando-se o tipo de moradia das famílias de estrangeiros no Japão, observa-se que a maioria das famílias brasileiras e das de outros estrangeiros, reside em moradias alugadas por particular. A proporção das famílias brasileiras que residem em moradia própria é irrisória, contrastando com a situação das outras estrangeiras, que apresentam um percentual de 25% residindo em moradia própria. Cerca de 18% das famílias brasileiras residem em moradias alugadas pelo empregador (Gráfico 21), uma proporção três vezes maior do que a encontrada para os estrangeiros em geral.

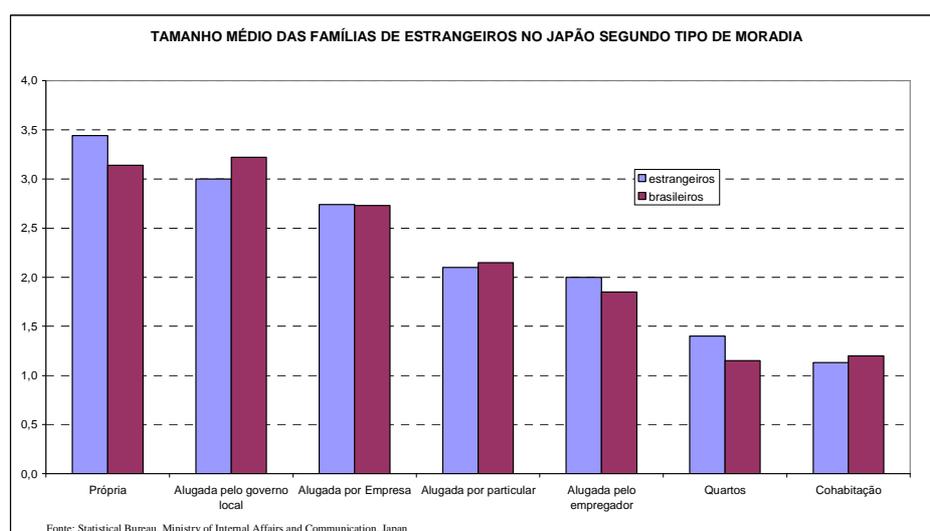
<sup>12</sup> O Censo japonês não diferencia os conceitos de família e de domicílio.

**Gráfico 21 – Distribuição das famílias de estrangeiros no Japão por tipo de moradia - 2000.**



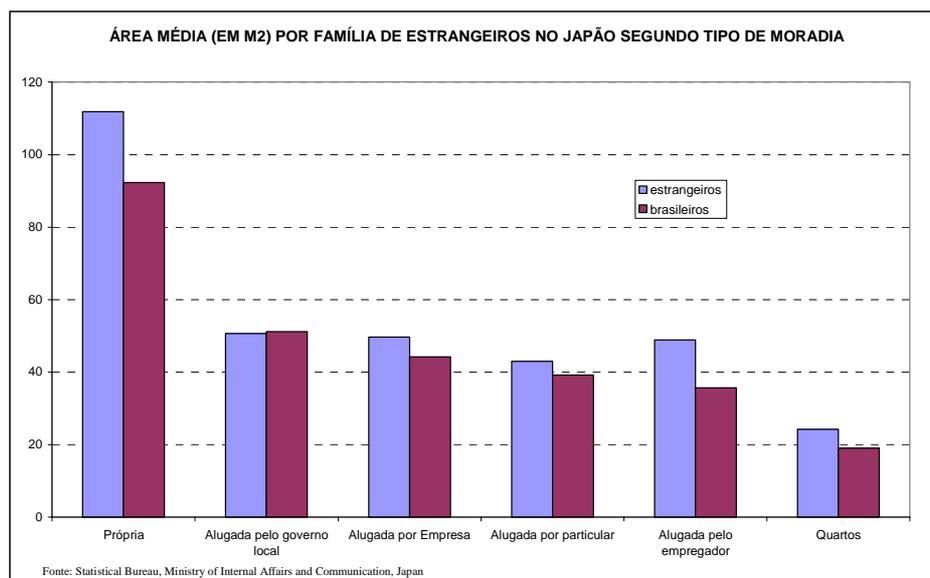
Analisando-se o número de pessoas por família de estrangeiros no Japão segundo o tipo de moradia, verifica-se que o número de pessoas por família entre os brasileiros residindo em moradias alugadas pelo governo local (3,22 pessoas) é o maior, seguido de moradias próprias (3,14 pessoas), sendo que entre os demais estrangeiros, o número de pessoas por família residindo em moradias próprias é o maior, seguido das moradias alugadas pelo governo local.

**Gráfico 22 – Número de pessoas por família de estrangeiros no Japão por tipo de moradia – 2000.**



Ao se analisar a área útil residencial por família de estrangeiros no Japão segundo tipo de moradia, verifica-se que a maior área por família entre os brasileiros está entre os que residem em moradia própria, seguido de moradias alugada pelo governo local, sendo que padrão semelhante se verifica entre as famílias dos demais estrangeiros (Gráfico 23).

**Gráfico 23 – Área por família de estrangeiros no Japão (m2) por tipo de moradia – 2000.**



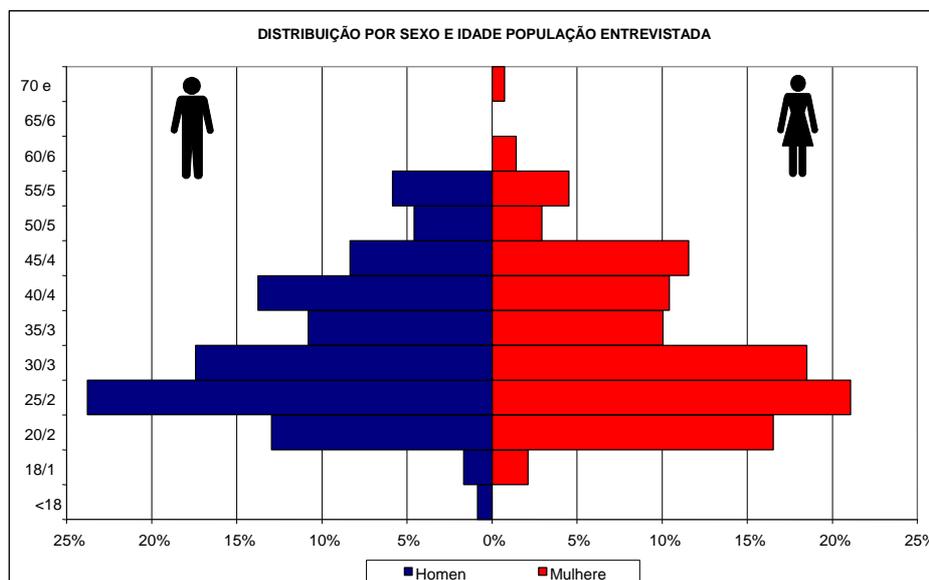
### III – Um breve perfil dos trabalhadores entrevistados

Nesta seção analisam-se os dados obtidos a partir do questionário aplicado no Japão em janeiro de 2004 conforme mencionado na introdução. Esta seção será dividida em tópicos, seguindo o mesmo procedimento adotado no questionário (ver Anexo II): características pessoais, a vida ao Japão e capacitação.

#### III. 1 - Características pessoais

Como pode ser observado no Gráfico 24, a grande maioria dos *dekasseguis* entrevistados se concentra na faixa etária entre 20 e 44 anos: 78,7% dos homens e 76,6% das mulheres se encontram nesta faixa etária. A faixa etária modal é a de 25/29 anos. Acima dos 55 anos de idade encontram-se apenas 5,8% dos homens e 6,7% das mulheres.

## Gráfico 24– Distribuição por sexo e grupo etário



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

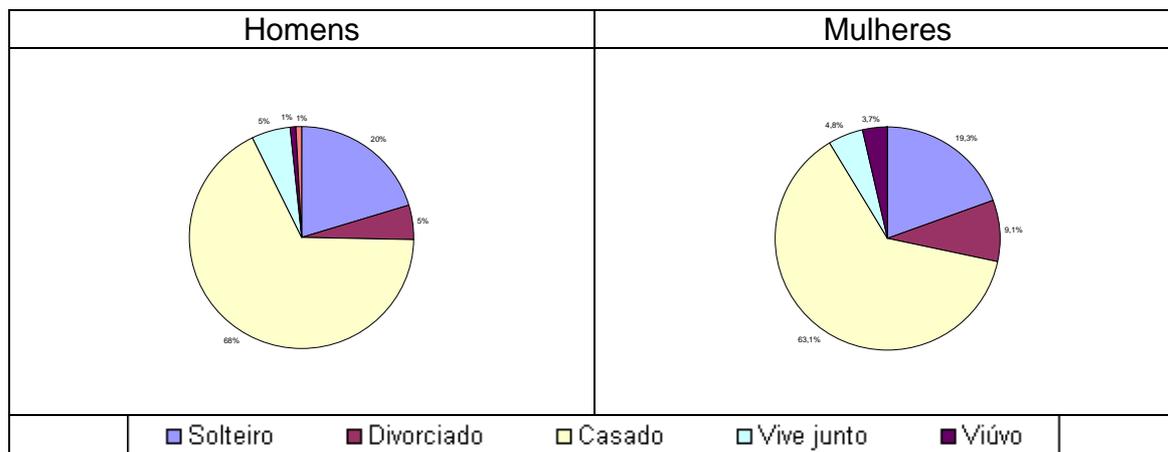
A grande maioria é casada (67,5% dos homens e 63,1% das mulheres), ainda que nem todos os casados tenham ido ao Japão com o seu cônjuge. O segundo maior contingente é formado pelos solteiros, como pode ser visto no Gráfico 25. Em torno de 5% de homens e mulheres declaram que vivem junto (união consensual). Divorciados e viúvos constituem 5,8% dos homens e 12,8% das mulheres.

A maioria foi acompanhada ao Japão: com esposo/companheiro, com esposo e filhos, com os pais, irmãos, amigos e outros, totalizando 55,9% entre os homens e 78,8% entre as mulheres. Entre os homens, a moda é dos que vão sozinhos (43,7%), enquanto que entre as mulheres, a moda é das que foram com esposo/companheiro (24,3%). Em linhas gerais pode-se dizer que mulheres viajam em maior número com um suporte/estrutura familiar, ao passo que os homens têm uma maior tendência à migração individual.

Entre os homens casados, 43,2% viajaram acompanhados de esposas e filhos e 38,2% viajaram sozinhos. Entre as mulheres casadas, 63% viajaram acompanhados de esposos e filhos e apenas 19% viajaram sozinhas. Entre os homens solteiros, 61,3% viajaram sozinhos e 32,6% com os pais ou irmãos. Entre as mulheres solteiras apenas 22,6% viajaram sozinhas e 77,4% com os pais ou irmãos.

É interessante observar que entre os homens, a proporção dos que viajaram acompanhados dos cônjuges e filhos é maior entre os que têm cônjuge *nikkey* (47,3%) do que entre os que têm cônjuge não *nikkey* (33,3%). Entre as mulheres, ocorre o contrário: a proporção dos que viajaram acompanhados dos cônjuges e filhos é maior entre os que têm cônjuge não *nikkey* (80,7%) do que os que têm cônjuge *nikkey* (58,4%). Esta situação parece ser um condicionante da legislação: indivíduos não *nikkeys* só podem ter o visto na condição de cônjuge ou como filho adotado de um *nikkey* (situação menos comum).

**Gráfico 25–Distribuição por sexo e estado civil**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Quando se considera a escolaridade, verifica-se que a grande maioria tem ensino fundamental/médio. Juntos, constituem 82,9% dos homens e 83,8% das mulheres, como mostra a Tabela 4. Nesta amostra não houve a ocorrência de indivíduos com Mestrado/Doutorado. É importante notar que esta situação contrasta com a dos descendentes de japoneses no Brasil que apresentam uma escolaridade bem mais alta do que a média populacional. Para uma discussão comparando os descendentes de asiáticos com outros grupos de cor/raça ver Beltrão, 2005.

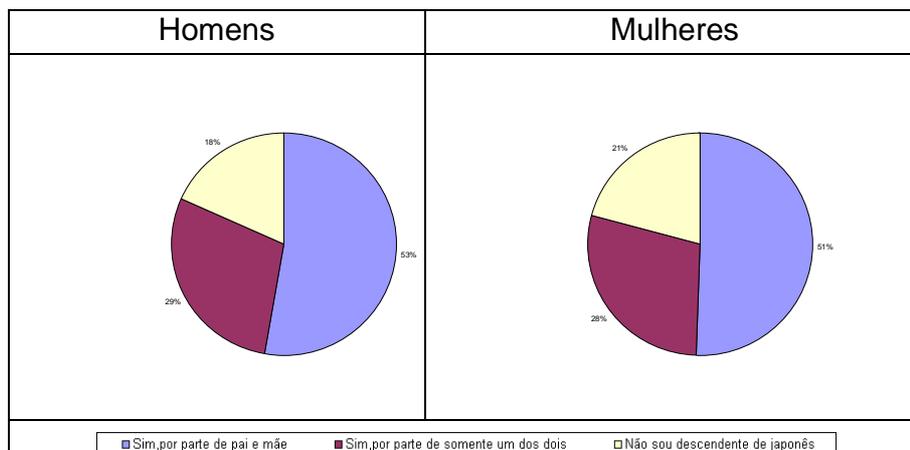
**Tabela 4 – Distribuição da escolaridade segundo sexo**

	Homens	Mulheres	
Menos de 7 anos	9,3%	8,3%	8,8%
Ensino fundamental	44,7%	30,2%	38,0%
Ensino médio	38,2%	53,6%	45,3%
Ensino superior	7,5%	6,9%	7,2%
Especialização/extensão	0,4%	1,0%	0,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Em termos de descendência a grande maioria é descendente de japoneses por parte de pai e de mãe (53% dos homens e 51% das mulheres) ou por parte de só um deles (29% dos homens e 28% das mulheres), como mostra o Gráfico 26. Os remanescentes, 18% dos homens e 21% das mulheres, são indivíduos não descendentes de japoneses e seriam casados com descendentes (ou adotados por japoneses que lhe daria o status equivalente a filho de sangue), o que permitiria a ida ao Japão.

**Gráfico 26– Distribuição por sexo e descendência**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A grande maioria tem descendência japonesa relativamente próxima. Entre os que apresentam descendência japonesa e responderam ao quesito, 52,8% dos homens e 51,1% das mulheres são japoneses ou têm pais japoneses; 45,1% dos homens e 47,9% das mulheres têm a geração mais próxima como sendo a dos avós. Esses números são, porém, inferiores aos encontrados para a população de *dekasseguis* já retornados ao Brasil (questionário C), possivelmente por constituírem uma leva anterior e, em média, pelo menos 10 anos mais velha. Quando se considera o cônjuge, 66,9% dos homens e 77,2% das mulheres têm cônjuge *nikkey*. Parece que existe entre os migrantes da amostra uma maior proporção de homens casados com não *nikkey*s.

A atividade modal dos entrevistados do sexo masculino antes da ida ao Japão era de operário (22,9%), seguida de estudante de nível médio (17,5%), balconista/comerciário (10,8%) e profissional liberal (10,8%). Entre as mulheres, cerca de 12% declararam ter sido donas de casa, 13% declararam ter trabalhado em escritórios, mas a maioria declarou ter sido estudante de nível médio/fundamental (26%). No Japão a esmagadora maioria trabalhava como operário, seja no chão de fábrica (74,5% dos homens e 61,6% das mulheres) seja como outro tipo (respectivamente 9,6% e 6,5%). Entre as mulheres, quase 10% trabalhavam em indústria de comida, 6,6% declararam ser donas de casa e 4,1% estavam desempregadas. Entre os homens somente 1,7% declarou estar desempregado.

A Tabela 5 mostra o conhecimento da língua japonesa. A proporção de indivíduos com domínio do idioma japonês é relativamente pequena: apenas 20,8% dos homens e 14,4% das mulheres declaram falar bem o japonês. Porém, ao se considerar também o grupo dos que declaram falar de forma regular, obtêm-se metade dos homens (52%) e das mulheres (50,9%). A proporção de indivíduos que declaram entender bem o japonês é um pouco maior (23,7% dos homens e 17,3% das mulheres). Ao se considerar também o grupo dos que declaram um entendimento regular da língua, obtêm-se 58,7% dos homens e 57,0% das mulheres. Em termos de leitura, a proporção dos que declaram ler bem é bastante menor: 4,1% dos homens e 6,1% das mulheres. Mesmo considerando os que declaram ler de forma regular, observa-se 21,2% dos homens e 23,7% das mulheres. Obviamente a linguagem escrita é uma grande barreira para integração numa sociedade e deve impedir também a aquisição de capital cultural pelas vias usuais, ou seja, via

cursos específicos, manuais de instrução ou leitura de material didático japonês. Em termos de escrita, a proporção dos que declaram escrever bem é ainda menor: 3,3% dos homens e 5,3% das mulheres. Mesmo considerando os que declaram escrever de forma regular observa-se apenas 18,7% dos homens e 20,0% das mulheres. Para estas informações sobre leitura e escrita, mulheres apresentam uma situação ligeiramente melhor do que os homens.

**Tabela 5 – Conhecimento da língua japonesa por sexo**

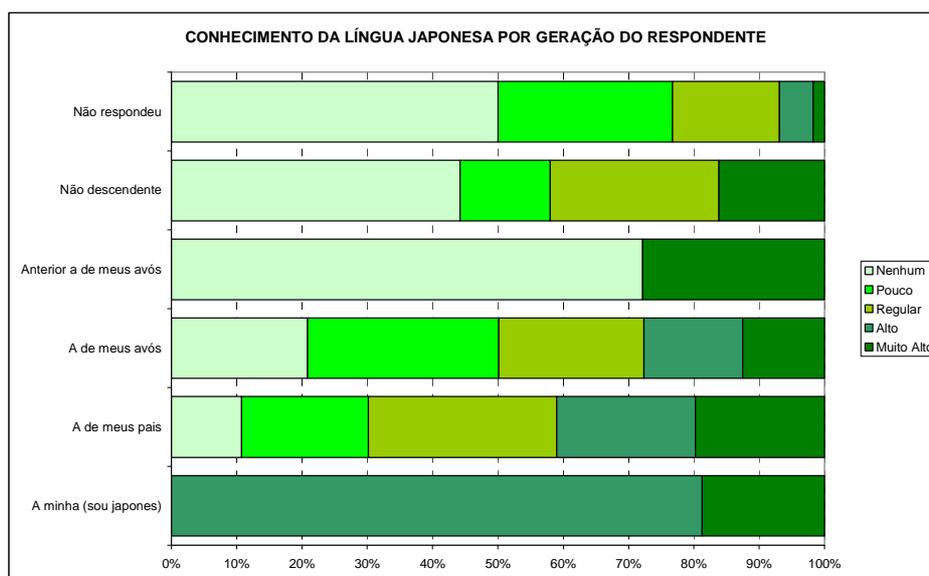
	NADA		POUCO		REGULAR		BEM		NÃO RESPONDEU	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Falar	9,2%	7,0%	37,5%	42,1%	31,2%	36,5%	20,8%	14,4%	1,3%	0,0%
Entender	5,0%	2,8%	35,5%	39,5%	35,0%	39,7%	23,7%	17,3%	0,8%	0,7%
Ler	35,1%	26,0%	41,2%	50,3%	17,1%	17,6%	4,1%	6,1%	2,5%	0,0%
Escrever	38,8%	27,4%	38,7%	52,6%	15,4%	14,7%	3,3%	5,3%	3,7%	0,0%

Fonte: Dados da Pesquisa - Questionário B.

Foi criada uma variável sintética “conhecimento de japonês” para descrever os diferentes graus de conhecimento da linguagem falada, lida e escrita. Nesta variável foram definidas 5 categorias que combinam as informações de falar, entender, ler e escrever: nenhum, pouco, regular, alto e muito alto conhecimento da língua japonesa.

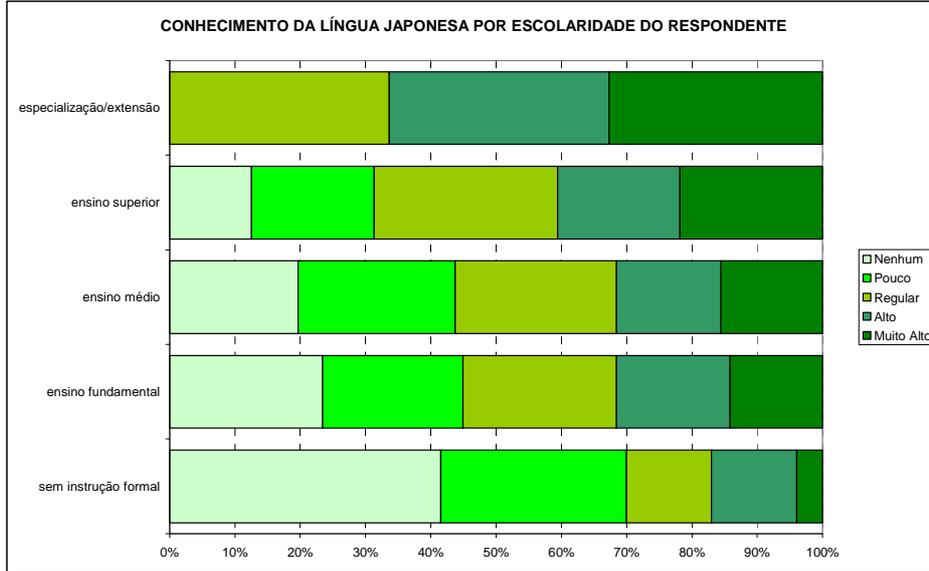
Esperar-se-ia que indivíduos com maior escolaridade estivessem mais bem preparados para lidar com a língua japonesa. O mesmo deveria acontecer para os indivíduos com ancestrais japoneses vindos do Japão num passado mais recente. Os gráficos seguintes confirmam estas asserções. Vale a pena notar que no gráfico por geração, as categorias “não responderam” e não descendentes apresentaram um nível de conhecimento da língua em média um pouco inferior ao dos *dekasseguis* de segunda geração (*sanseis*).

**Gráfico 27 – Conhecimento da língua japonesa segundo geração**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

**Gráfico 28 – Conhecimento da língua japonesa segundo escolaridade**

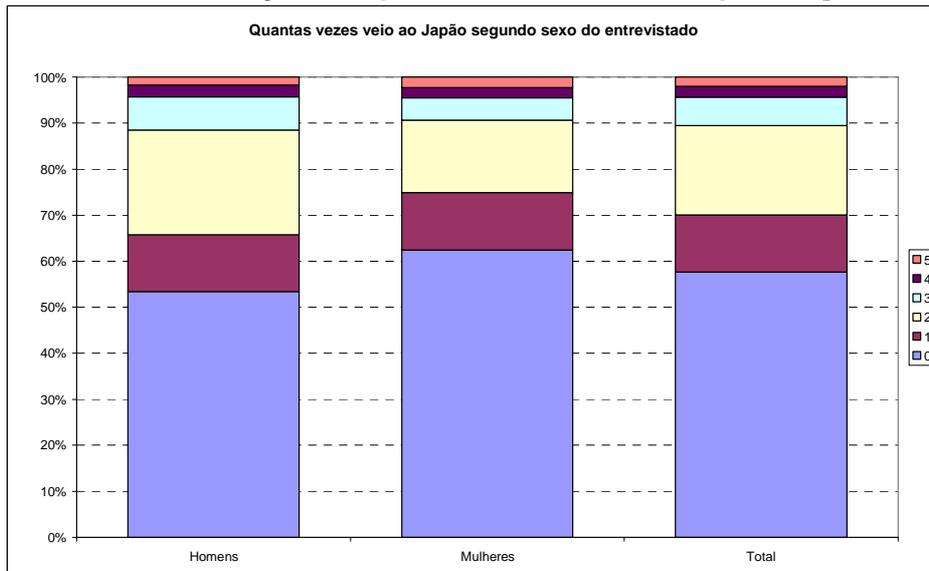


Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

### III. 2 A vida no Japão

Um pouco mais do que a metade (53,4% dos homens e 62,4% das mulheres) dos *dekasseguis* nunca havia ido anteriormente ao Japão, como mostra Gráfico 29. Parece que a migração para o Japão foi maior no passado entre os homens e agora está sendo realizado também por mulheres, conforme pode ser verificado por uma comparação com os dados dos *dekasseguis* retornados ao Brasil (ver dados do Questionário C em Beltrão & Sugahara, 2009b).

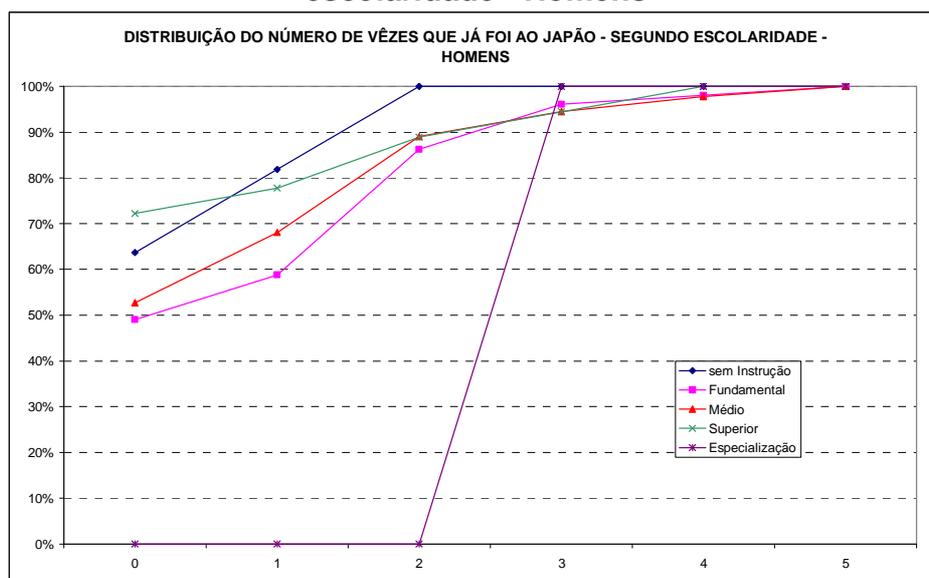
**Gráfico 29– Distribuição de quantas vezes foi ao Japão segundo sexo**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

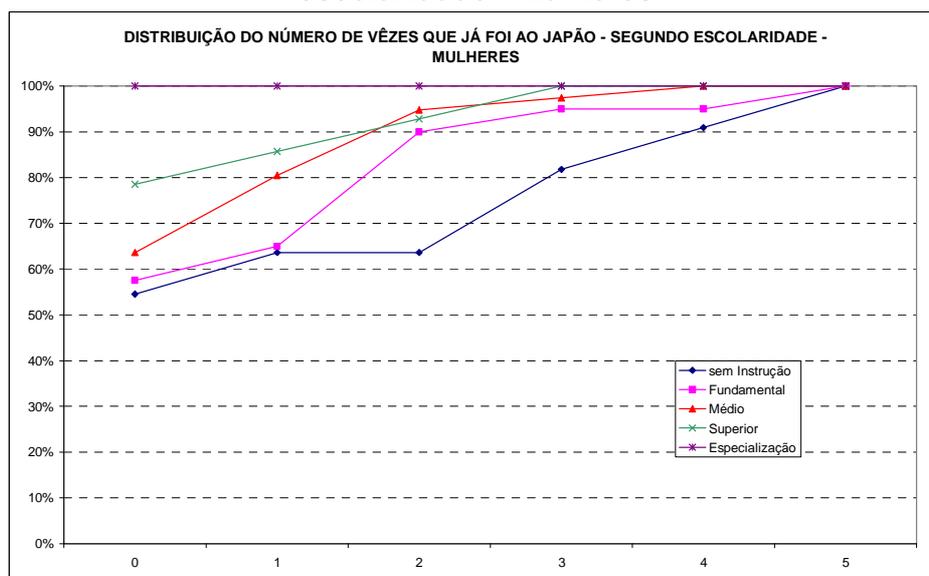
Entre as mulheres é bem marcada a diferenciação por escolaridade: aquelas com menor escolaridade aparentemente retornam mais vezes ao Japão. Entre os homens, aqueles sem instrução (menos de 4 anos de estudo) não se conformam a este padrão. É interessante notar que a quantidade de *dekasseguis* que já havia ido outras duas vezes é superior aos que foram 1 ou 3 vezes. Considerando que o processo começou oficialmente no início da década de 1990, a existência de indivíduos com até 5 estadias anteriores nestes 14 anos é sintomático: o processo se caracteriza por uma reincidência, pelo menos para parte dos *dekasseguis* do sexo masculino.

**Gráfico 30 - Distribuição do número de vezes que já foi ao Japão - segundo escolaridade - Homens**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

**Gráfico 31- Distribuição do número de vezes que já foi ao Japão - segundo escolaridade - Mulheres**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Uma permanência longa anterior no Japão não é muito freqüente: apenas 10% dos homens e das mulheres permaneceram além de 10 anos, como mostra a Tabela 6. A maioria permaneceu até 5 anos: 76% dos homens e das mulheres. Entre os homens, 50% ficaram menos de 2 anos e 52% das mulheres, menos de 1 ano. Assim, como no caso das permanências anteriores, uma permanência atual longa no Japão não é muito freqüente, embora tempos mais longos sejam mais freqüentes do que no caso das permanências anteriores: 15,2% dos homens e 22,3% das mulheres permaneceram além de 10 anos. Isto pode tanto indicar uma mudança temporal no comportamento (os novos migrantes permanecem mais tempo) como uma não uniformidade no comportamento dos *dekasseguis* com a dicotomia “mover/stayer”: alguns teriam mais idas e vindas entre Brasil e Japão com curtos períodos de permanência no Japão e outros com menor probabilidade de migrar ficariam por mais tempo. O tempo de permanência atual da maioria é de até 5 anos: 60,5% dos homens e 48,5% das mulheres. Entre os homens, 19,8% estão há menos de 2 anos e entre as mulheres, 14,4%. É bom lembrar que a informação sobre o tempo de permanência atual, está sub-estimada, pois esta estadia ainda não chegou a termo. Esta informação é consistente com os dados do censo japonês sobre a migração recente dos estrangeiros no Japão.

**Tabela 6 – Distribuição do tempo de permanência (anterior e atual) no Japão em anos segundo sexo**

	Anterior		atual	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0	43,0%	52,0%	10,8%	9,2%
1	6,7%	4,8%	9,0%	5,2%
2	10,3%	7,0%	7,1%	13,5%
3	3,1%	0,8%	15,7%	10,0%
4	5,8%	6,2%	11,2%	6,9%
5	6,7%	5,6%	6,7%	3,7%
6	3,6%	5,7%	6,3%	6,3%
7	2,3%	0,6%	6,3%	4,7%
8	3,1%	3,2%	5,4%	7,1%
9	1,8%	1,7%	1,4%	4,1%
10	3,6%	2,4%	4,9%	7,0%
+ de 10	9,9%	10,0%	15,20%	22,30%

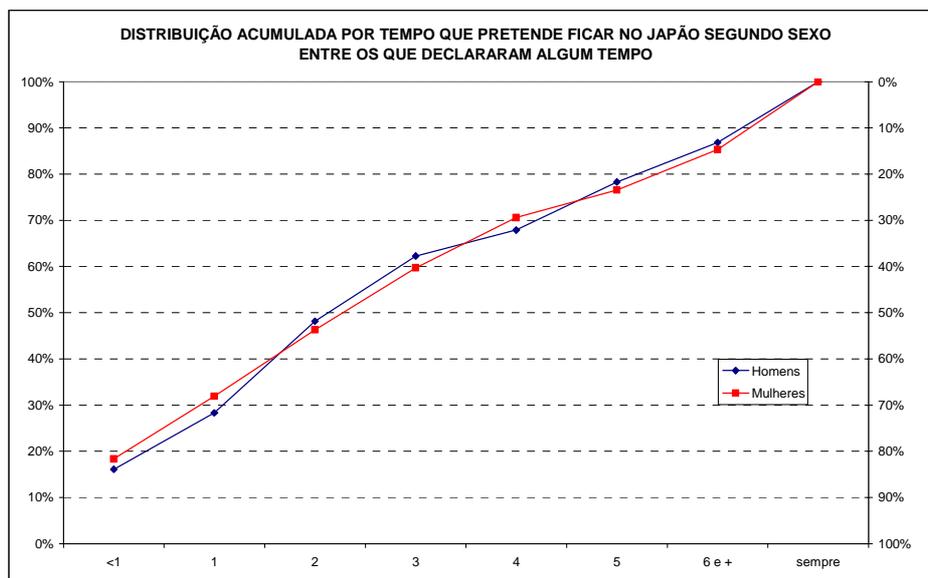
Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Cerca de metade dos entrevistados não respondeu à pergunta de porque voltou ao Japão, parte devido ao fato de que foram somente uma vez. Entre os que responderam, as respostas mais freqüentes foram poupar e insatisfação com a renda entre os homens e, entre as mulheres, desemprego, acompanhar a família e problemas no Brasil. A segunda resposta apresentou situação financeira ruim no Brasil como a opção mais freqüente, tanto entre os homens como entre as mulheres.

Um pouco mais de metade dos entrevistados não soube declarar quanto tempo pretendia ainda ficar no Japão, tanto entre os homens como entre as mulheres, respectivamente 55,5 e 53,5%. Esta informação aponta para o aspecto temporário desta migração, que prioriza uma meta econômica. Entre os homens, o valor modal corresponde a mais de 2 anos, enquanto que entre as mulheres é menos de 1 ano (Gráfico 32), os valores são porém razoavelmente bem distribuídos entre as opções

oferecidas. Entre os homens 5,8% e entre as mulheres 6,8% declararam pretender se radicar no Japão.

**Gráfico 32– Distribuição acumulada do tempo que pretende ficar no Japão segundo sexo.**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Quando se analisam as intenções, a grande maioria de homens e mulheres não pretende se fixar no Japão: 89,2% dos homens e 85,7% das mulheres. Esta situação é bem semelhante (e simétrica) a dos migrantes japoneses originais, da primeira leva (a fase I de Saito – ver Saito, 1980) quando da sua vinda para o Brasil: a maioria via a sua situação no Brasil como temporária e pretendia voltar para o Japão num futuro próximo. A grande maioria tem intenção de regressar ao Brasil e abrir negócio próprio, tanto entre as mulheres como entre os homens (Tabela 7), sendo que a intenção em segundo lugar nas escolhas foi regressar ao Brasil com a poupança conseguida e viver de rendas/trabalho. A maioria declara não ter intenção de retornar ao Japão, mesmo que os negócios não dêem certo ou ocorram insucessos no Brasil.

**Tabela 7 –Declaração das intenções segundo sexo**

	Homens	Mulheres
Regressar ao Brasil e abrir negócio próprio	63,0%	43,8%
Regressar ao Brasil e contribuir com os negócios da família	8,3%	9,6%
Regressar ao Brasil com a poupança conseguida e viver de rendas/trabalho	10,3%	15,1%
Não regressar mais uma vez ao Japão mesmo que os negócios no Brasil não dêem certo	3,8%	5,4%
Voltar ao Japão se ocorrer insucesso no Brasil	13,4%	4,2%
Regressar ao Brasil, mas tem medo	8,7%	7,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A maioria encontrou trabalho através de agências de turismo/agenciadoras/empreiteiras (44,5% dos homens e 46,4% das mulheres). A segunda maior opção foi com amigos/parentes (41,7% dos homens e 46,2% das mulheres), seguidos de convite de empresa (8,4% dos homens e 3% das mulheres) e jornais (2,5% dos homens e mulheres). Estes resultados quando comparados com o pessoal que retornou (Beltrão e Sugahara, 2009b) mostram uma certa tendência de mudança para uma migração mais baseada em redes, já que no Questionário C as duas primeiras opções são as mesmas, mas a diferença é bem maior.

A proporção de indivíduos que já estiveram ou se encontram desempregados no Japão não é pequena: 28,2% dos homens e 30,7% das mulheres, e além disso preocupante, considerando-se que foram para o Japão exatamente com o fim de trabalhar. Esta proporção é maior do que a declarada pelo pessoal que retornou (Questionário C), refletindo mudanças na economia japonesa ou um maior grau de liberdade de escolhas e mudanças entre os *dekasseguis*. A proporção dos que declararam estar desempregados segundo o censo japonês de 2005 foi bem menor, como já mencionado: 3,7% entre os homens e 5,8% entre as mulheres. O censo de 2000 revelava números menores, respectivamente 2,8 e 3,8 reforçando a idéia de uma piora na situação do mercado laboral japonês para mão de obra não especializada. Estes números apontam para uma rotatividade, característica da situação de precariedade nas relações de trabalho.

Com respeito à Seguridade Social, as coberturas de Previdência Oficial, Previdência Privada e Seguro de Acidentes não são muito abrangentes. Já as coberturas para saúde, tanto a nível individual como para a família, são mais freqüentes (ver Tabela 8), ainda que não sejam universais como preconiza a legislação japonesa. É impressionante que a proporção de trabalhadores no Japão com cobertura previdenciária local seja tão pequena mais uma vez reforçando a idéia da precariedade das relações de trabalho e a intenção de transitoriedade no país.

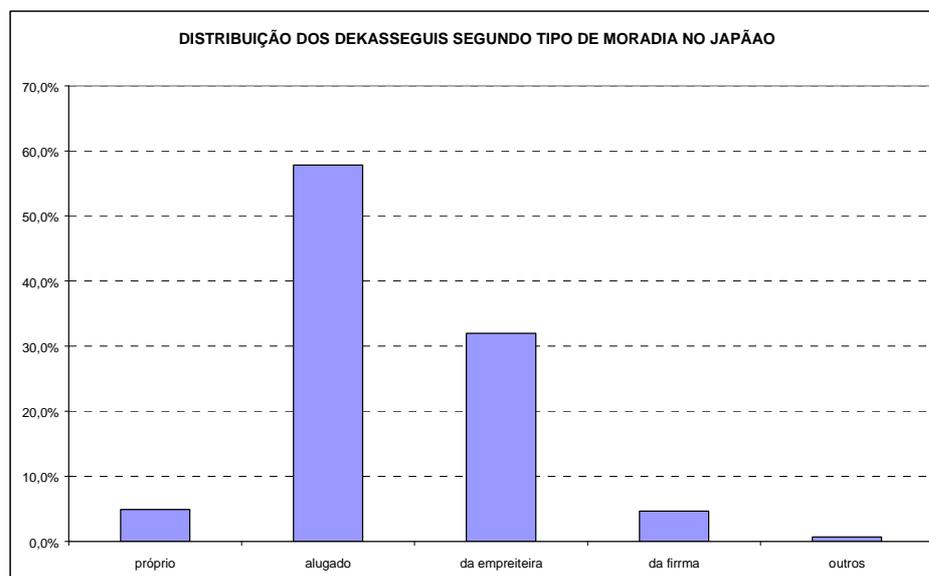
**Tabela 8 - Distribuição componentes da Seguridade Social segundo sexo**

	Homens				Mulheres			
	Sim, no Japão	Sim, no Brasil	Não	Não respondeu	Sim, no Japão	Sim, no Brasil	Não	Não respondeu
Seguro saúde para si	43,7	1,6	25,0	29,6	50,4	4,4	27,2	18,0
Seguro saúde para família	34,5	5,8	21,7	37,9	42,0	2,4	25,3	30,3
Seguro de Vida	17,5	1,6	35,5	45,4	16,4	1,9	39,7	42,0
Seguro acidente	25,4	1,3	31,3	42,0	20,8	1,3	36,7	41,2
Previdência Oficial	13,3	14,2	35,0	37,4	26,3	5,6	31,2	36,9
Previdência Privada	4,6	4,1	38,8	52,5	2,1	4,0	43,1	50,9

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A grande maioria mora em imóveis alugados (57,8%). Em seguida vêm os imóveis alugados por empreiteiras (32%). Imóveis próprios constituem percentual semelhante (4,9%) aos imóveis alugados por firmas (4,6%) (ver Gráfico 33). Estes números são bastante semelhantes aos apresentados pelo censo japonês (ver Gráfico 21) para a população de brasileiros.

### Gráfico 33 - Distribuição dos dekasseguis segundo tipo de moradia



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Tanto entre os homens (63,4%) como entre as mulheres (67,3%), a maioria teve a passagem de ida para o Japão custeada via opção “próprio/família”. A opção de custeio, empregadoras/agenciadoras, foi predominante entre os que já retornaram do Japão (Questionário C), que representam uma leva anterior. Este fato indica mudanças nas relações de trabalho. Entre os *dekasseguis* entrevistados no Japão esta opção ocorreu para respectivamente 34,6% e 29,3% dos homens e mulheres.

Quanto ao visto de entrada no Japão, a grande maioria entrou com visto de permanência temporária, tanto entre os homens como entre as mulheres (Tabela 9). Neste caso, entre o pessoal que já retornou do Japão (Questionário C), a predominância era de visto de turista, mostrando uma mudança na forma de entrada, sem subterfúgios. Na data da pesquisa, a maioria tinha visto de permanência temporária, mas em geral houve um aumento da formalização, crescimento da proporção de indivíduos com permanência permanente e temporária e concomitante diminuição da proporção de indivíduos com visto de turista.

**Tabela 9 – Distribuição do tipo de visto no Japão segundo sexo**

	Visto na entrada		Visto na data da pesquisa	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Turista	39,3%	38,7%	0,0%	0,7%
Permanência temporária	59,0%	57,5%	75,4%	67,8%
Permanência permanente	0,4%	1,5%	16,2%	23,8%
Tenho passaporte japonês	1,3%	0,0%	3,8%	0,7%
Não respondeu	0,0%	2,3%	4,6%	7,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Quanto ao objetivo da ida, os entrevistados tinham acesso a uma lista de razões com a possibilidade de concordar ou discordar de cada uma delas (ver Tabela 10). Semelhante ao ocorrido entre os japoneses quando da sua migração para o Brasil há

quase cem anos atrás, poucos declararam a intenção de fixar-se na terra estrangeira: 1,7% dos homens e 4% das mulheres. As opções mais mencionadas de objetivo da ida para o Japão foram de melhoria de vida e poupar para abrir negócios no Brasil, ambos motivações de natureza econômica.

**Tabela 10 – Concordância com lista de objetivos para a ida ao Japão segundo sexo**

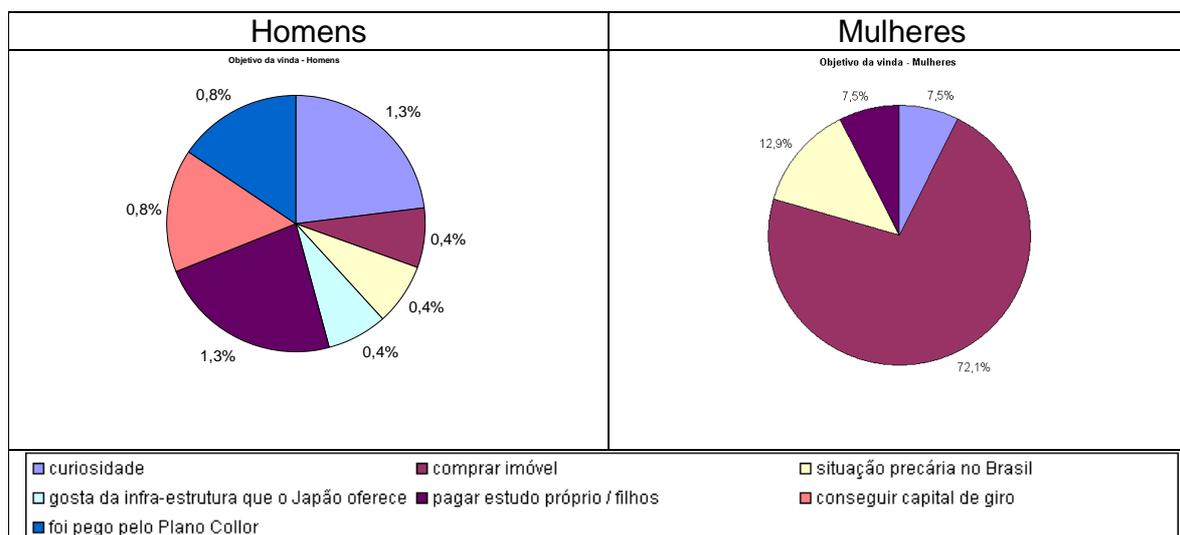
	Homens	Mulheres	Motivo
Fugir do desemprego	9,5%	4,9%	E
Insatisfação com renda/salário	17,4%	15,9%	E
Busca de oportunidade de melhoria	47,5%	40,6%	E & C
Poupar dinheiro para investir no Japão	1,7%	0,7%	E
Acompanhar familiares	11,3%	28,8%	
Poupar para abrir negócio no Brasil	46,2%	28,1%	E
Poupar para ajudar nos negócios da família	7,5%	5,9%	E
Acumular experiência numa área de trabalho	12,1%	5,7%	C
Sustentar a família	20,9%	16,0%	E
Conhecer o Japão	17,5%	15,1%	
Fixar-se no Japão	1,7%	4,0%	E
Conseguir recursos para pagar os estudos	6,6%	15,0%	E & C
Conseguir recursos para pagar dívida	6,6%	15,0%	E

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Nota: E se refere a motivações de natureza econômica e C de capital humano.

Poucos respondentes não encontraram entre as opções oferecidas os objetivos da sua ida: 5,4 % entre os homens e 9,1% entre as mulheres. Entre os homens a “curiosidade” e “pagar o estudo próprio e de filhos” foram os objetivos (fora da lista disponibilizada) mais freqüentemente alegados (1,3% para os dois). Cumpre notar que a primeira opção poderia ser encaixada na resposta “conhecer o Japão” e a segunda em “conseguir recursos para pagar os estudos”. “Entre as mulheres comprar imóveis foi o grupo modal de longe com 6,6% das respondentes, por oposição a 0,4% entre os homens. “Conseguir capital de giro” e “Situação precária no Brasil” foram razões alegadas somente por homens. Entre os homens aparece também (0,4%) uma razão que poderia ser classificada de “atrativa” (por oposição as opções “expulsoras”): “gosta da infraestrutura que o Japão oferece” (Gráfico 34).

**Gráfico 34– Distribuição do objetivo da ida segundo sexo – outros motivos**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Um pouco menos de 2/3 dos entrevistados declararam que seus objetivos estavam sendo alcançados (ver Tabela 11). Complementarmente, um pouco mais de 1/3 declarou que ainda não tinham alcançado o objetivo. Uma minoria, entre as mulheres, não respondeu ou se mostrou altamente descrente da possibilidade de alcançar os objetivos. A proporção dos que se mostraram desalentados com a situação foi ínfima e, concentrada entre as mulheres.

**Tabela 11 - Distribuição de se os objetivos estão sendo alcançados segundo sexo**

	Homens	Mulheres	Total
Não respondeu	0.0%	0.7%	0.3%
Sim	60.8%	62.6%	61.6%
Não	39.2%	36.0%	37.7%
Não e dificilmente serão alcançados	0.0%	0.8%	0.3%
	100.0%	100.0%	100.0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Cerca de 2/3 dos *dekasseguis* declararam não ter filhos no Japão. Entre os que têm filhos na escola, cerca de 22% declararam que os filhos tiveram problemas na escola.

A grande maioria declarou que a família se adaptou à vida no Japão (84% dos homens e 79% das mulheres). A proporção de indivíduos que declararam categoricamente como não tendo se adaptado foi bem pequena e ligeiramente maior entre as mulheres (3% contra os 1% dos homens). Entre os homens 13% declararam uma posição intermediária (mais ou menos). Esta proporção foi de 17% entre as mulheres (Tabela 12).

**Tabela 12 - Distribuição de se a família se adaptou à vida no Japão segundo sexo**

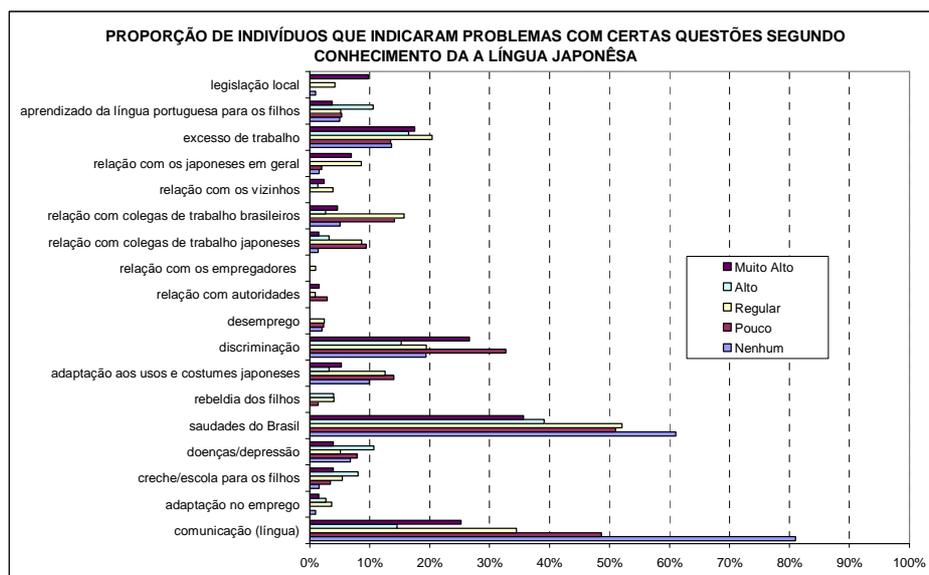
	Homens	Mulheres	Total
Sim	84.0%	79.2%	81.8%
Não	1.3%	2.9%	2.0%
Mais ou menos	12.7%	17.1%	14.7%
Alguns membros têm problemas	1.3%	0.8%	1.0%
Não respondeu	0.8%	0.0%	0.4%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Saudades do Brasil, língua, discriminação e excesso de trabalho foram, nesta ordem, apontados como as maiores dificuldades enfrentadas no Japão (ver Tabela A 3 que apresenta desagregado por sexo as dificuldades encontradas no Japão). Estas dificuldades apontam para uma não adaptação ao novo país conjugado com uma nostalgia do antigo, o que aparentemente contradiz a declaração de adaptação das famílias à vida no Japão. A terceira dificuldade, em princípio, é auto-imposta, pois com os objetivos de juntar dinheiro, o excesso de trabalho é uma necessidade. É interessante que a rebeldia dos filhos tenha apresentado uma proporção tão pequena de escolhas, dado que a mídia escrita e falada tem colocado este problema da delinqüência juvenil entre *dekasseguis* no Japão com muita ênfase. Este resultado é, porém, consistente com o fato de 2/3 dos entrevistados declararem não ter filhos no Japão.

Desagregando-se a informação das dificuldades enfrentadas seja por conhecimento da língua, seja por escolaridade, verifica-se uma não uniformidade da situação, com maior incidência de problemas entre os grupos de menor escolaridade e/ou menor conhecimento da língua (Gráfico 35), como era de se esperar.

**Gráfico 35 - Escolha das dificuldades no Japão segundo conhecimento da língua japonesa**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A esmagadora maioria declara que utiliza o telefone como forma de receber notícia de parentes e amigos do Brasil. Cartas correspondem a cerca de 18% na primeira resposta. Os diferentes tipos de e-mail, principalmente o de casa e o do celular, foram a resposta mais freqüente entre as segundas opções (Tabela 13).

**Tabela 13 - Distribuição de como tem notícias de parentes e amigos segundo sexo**

	Homens	Mulheres	Total
Cartas	17.5%	17.8%	17.6%
Telefonemas	76.6%	76.7%	76.7%
E-mail casa	1.6%	2.6%	2.1%
E-mail trabalho	0.4%	0.0%	0.2%
E-mail acesso público	0.8%	0.8%	0.8%
E-mail celular	2.5%	1.5%	2.0%
Não me comunico	0.4%	0.7%	0.5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A grande maioria acompanha as notícias do Brasil através de rádio/TV. Parentes e amigos são uma segunda fonte, em importância. A internet aparece como terceira opção entre os homens enquanto jornais e revistas aparece na mesma colocação entre as mulheres. Uma proporção maior de mulheres declarou não acompanhar notícias do Brasil (Tabela 14).

**Tabela 14 Distribuição de como tem notícias do Brasil segundo sexo**

	Homens	Mulheres	Total
Parentes/amigos	25.4%	27.5%	26.4%
Rádio/TV	51.7%	44.1%	48.2%
Vídeos	4.6%	4.9%	4.7%
Internet	10.4%	8.1%	9.3%
Jornais/revistas	4.6%	8.3%	6.3%
Não acompanho	3.3%	7.1%	5.1%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A Tabela 15 apresenta a freqüência dos contatos, fora do trabalho, dos *dekasseguis* com diferentes grupos. Cerca de 30 a 40% dos entrevistados declarou ter contato diário com brasileiros fora do trabalho. No questionário C esta proporção foi de 2/3 indicando uma comunidade mais endógena. Pelo menos 25% dos entrevistados declararam não ter contato nenhum com brasileiros fora do trabalho, o que indica um maior isolamento ou uma melhor adaptação desses migrantes. A rede de apoio, quando existe, não é composta de compatriotas. Mais de metade dos que responderam declarou que o contato com outros estrangeiros foi nenhum ou raro. A esmagadora maioria não parece ter contato com os parentes japoneses nativos, seja por ter perdido o contato antes mesmo da ida ao Japão, seja por distâncias internas do país, seja por não poder se comunicar adequadamente em japonês, seja por vergonha da sua situação de trabalhadores 3K. Esta proporção é menor no questionário C.

O contato com japoneses não parentes é maior do que com os japoneses parentes, cerca de ¼ (mulheres) a 1/5 (homens) declaram contatos diários. Esta proporção também é menor do que no questionário C, mostrando um maior distanciamento do *dekasseguis* dos nativos. Uma grande maioria declara não ter contato com colegas de atividade esportivas, principalmente por não praticá-las. Esta proporção é substancialmente maior entre as mulheres. Uma forma de socialização fácil é através do esporte, e esse não parece ser um caminho trilhado pelos *dekasseguis*. Note-se que a proporção declarando não ter nenhum contato entre os *dekasseguis* atuais é maior do que a entre os respondentes do questionário C. Da mesma forma, a religião não aparece como um canal de socialização da comunidade *dekassegui*. Mais de metade declara que não tem nenhum contato com membros de grupos religiosos. Para esta pergunta também, a proporção de nenhum contato entre os *dekasseguis* atuais é maior do que entre os respondentes do questionário C.

Parece que quase toda a socialização dos *dekasseguis* é feita através de relações no trabalho. Reforçando a idéia da endogenia laboral, a maioria declara ter contato diário com os colegas de trabalho brasileiros (fora do trabalho). A grande socialização parece ser feita através do trabalho e entre os próprios brasileiros e numa menor escala com colegas japoneses. Homens declaram um maior contato com colegas de trabalho do que mulheres. É estranho que os contatos com vizinhos seja tão esparsos e quase tão esparsos entre os homens quanto entre as mulheres que seriam as grandes socializadoras “naturais” nos domicílios – mais de 57% tem nenhum ou raramente tem contato com os vizinhos.

Considerando que nem todos os migrantes fizeram o movimento migratório com a família, a declaração de que mais de 60% tem contato diário com a família é reconfortante, implicando na existência de uma rede de suporte familiar. Considerando que para todos os outros contatos, a proporção da resposta “nenhum” é maior entre os *dekasseguis* no Japão do que entre os retornados (questionário C), a impressão é que os migrantes mais recentes estão mais fechados no grupo familiar.

**Tabela 15 – Frequência do contato no Japão, fora do trabalho, com os diferentes grupos (%)**

	S/resposta		Nenhum		Raro		Mensal		Semanal		Diário	
	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
Brasileiros	1,65	1,38	25,45	30,12	10,03	14,58	4,56	6,00	19,56	12,79	38,75	35,12
Outros estrangeiros	7,07	4,75	48,87	53,53	12,48	13,51	5,39	4,75	12,08	11,89	14,10	11,57
Japoneses nativos parentes	9,15	8,39	69,18	71,36	12,50	8,75	1,26	2,75	3,72	3,57	4,19	5,18
Japoneses nativos não parentes	4,98	7,07	38,39	42,02	12,50	7,02	7,54	9,01	14,55	8,49	22,05	26,39
Colegas de atividades esportivas	5,39	9,56	50,82	82,80	8,82	0,69	10,43	1,94	20,37	4,26	4,17	0,76
Membros de grupo religioso	5,82	8,12	69,17	63,98	6,25	7,12	4,56	8,25	12,13	11,77	2,07	0,76
Colegas de trabalho brasileiros	3,33	9,63	10,04	17,90	2,94	9,38	4,98	5,94	12,47	11,02	66,24	46,13
Colegas de trabalho japoneses	6,25	9,27	32,95	34,90	6,27	10,17	3,35	3,25	4,13	2,62	47,05	39,79
Vizinhos	7,07	4,95	37,48	36,57	20,05	21,26	4,98	4,19	18,33	15,19	12,09	17,84
Própria família	9,53	7,69	7,06	7,14	6,27	0,99	3,72	5,44	11,68	4,92	61,73	73,81

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A Tabela 16 apresenta a freqüência dos *dekasseguis* a diversos tipos de locais e eventos que retratariam parte da sua sociabilidade. Reforçando os quesitos de contatos com os diversos grupos, vê-se que a maioria dos entrevistados não freqüentou nem grupos religiosos, nem associações esportivas, nem associações ligadas ao trabalho. A impressão que existe é que o contato com os colegas de trabalho é totalmente informalizado, nunca canalizado através de alguma instituição.

Quanto à parte de lazer/cultura, a indicação é que os *dekasseguis* pouco usufruem das oportunidades culturais oferecidas. É alarmante que mais de 3/4 nunca tenham ido a um museu no Japão e mais de 2/3 nunca tenham ido a um teatro/cinema. É preocupante também que uma proporção ainda maior não tenha tido nenhuma preocupação em aumentar o seu capital de conhecimento – não freqüentaram curso de japonês (ainda que uma grande proporção declare ser a língua um problema) e tampouco freqüentaram curso profissionalizante.

**Tabela 16 - Distribuição de freqüência no Japão, segundo sexo, a:**

	Sim		Não		S/ resposta	
	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
Grupo religioso / igreja	21,25	27,21	73,73	69,47	5,02	3,32
Associação esportiva	20,42	5,32	74,13	91,18	5,45	3,50
Associação ligada ao trabalho	1,64	0,00	91,25	95,31	7,11	4,69
Museus	14,59	17,05	79,14	79,44	6,27	3,50
Teatro, cinema	27,09	31,27	67,48	65,91	5,43	2,82
Curso profissionalizante	5,81	4,99	87,92	89,64	6,27	5,37
Curso de japonês	12,45	20,77	81,69	76,41	5,86	2,82
Feiras/seminários de negócios	7,87	6,48	85,44	87,40	6,68	6,13

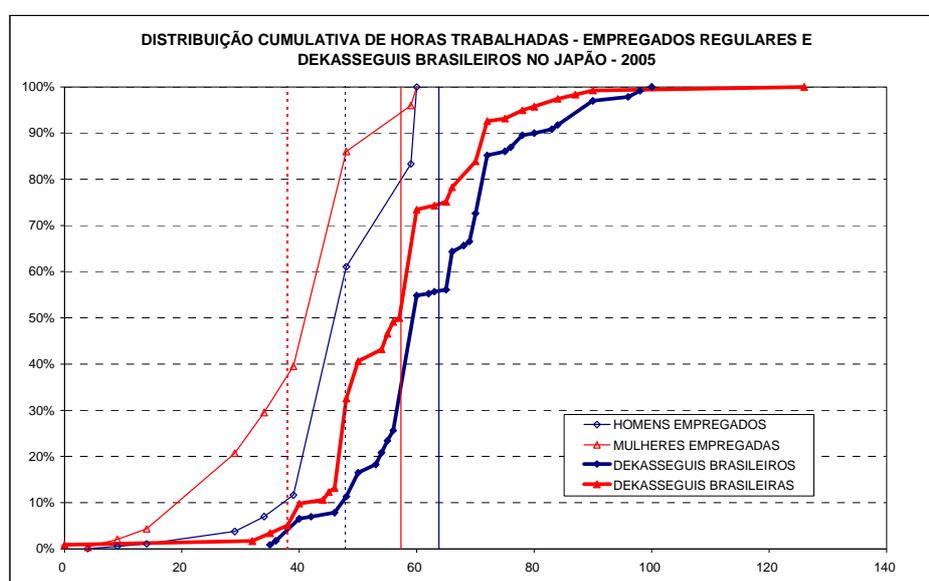
Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Cerca de metade dos entrevistados declarou que treinamento recebido na empresa desenvolveu habilidades válidas no Brasil (ver Tabela A 4 com as respostas para a pergunta 38, “Com respeito ao trabalho em si, algum treinamento recebido dentro da empresa desenvolveu ou desenvolve alguma habilidade especial ou proporciona a você alguma qualificação profissional, válidas no Brasil?” A proporção é um pouco maior do que 50% para os homens e um pouco menor para as mulheres. Entre os que declararam ter aprendido algo, “métodos de trabalho” foi a resposta mais freqüente entre os homens seguido de “organização”, “qualidade”, etc. Entre as mulheres, a ordem destes dois quesitos é invertida, mas sendo ainda os dois mais importantes (respectivamente 17,3 e 14,4%). Algumas outras opções apareceram com uma freqüência acima de 1%: entre as mulheres, “escrita e fala” com 3,8% e “área de alimentação” com 3,5%; e entre os homens, “cursos técnicos” com 3,0%. O questionário perguntava sobre habilidades desenvolvidas e alguns entrevistados (2,7% dos homens e 1,5% das mulheres) informaram mais de uma resposta. Como segunda opção, “métodos de trabalho” foi a opção mais escolhida (respectivamente 1,8 e 1,5%).

Em princípio, *dekasseguis* brasileiros trabalham tipicamente mais horas do que suas contrapartes femininas (ver que a distribuição cumulativa das mulheres é sempre mais à esquerda – linhas em negrito no Gráfico 36). O período modal entre os *dekasseguis*, coincidente com o mediano é de 60 horas semanais trabalhadas, 50% a mais do que preconiza a legislação brasileira. As mulheres apresentam um outro máximo

local para 48 horas semanais. O número médio de horas trabalhadas entre os homens é de 63,8 e entre as mulheres de 57,3. Comparando-se esta informação com a de horas trabalhadas por empregados regulares no Japão, vê-se que os *dekasseguis* brasileiros de ambos os sexos trabalham também, em média, mais do que os empregados regulares japoneses: 33% a mais para os homens e 50% a mais para as mulheres. Cumpre lembrar que a taxa de atividade, como já mostrado na seção II.3, é também maior entre os *dekasseguis* que entre os residentes no Japão como um todo.

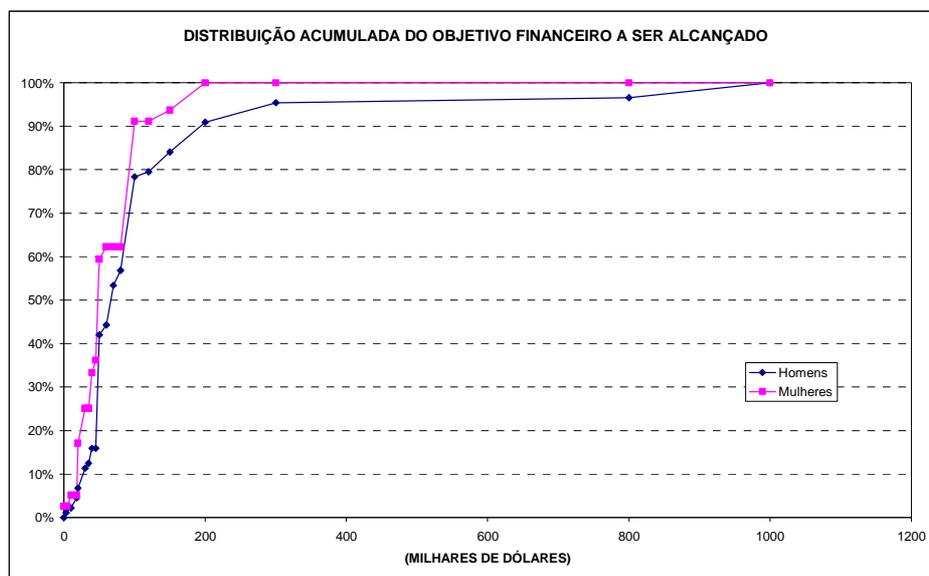
**Gráfico 36 – Distribuição cumulativa do número médio de horas trabalhadas por semana, segundo sexo –dekasseguis brasileiros e população empregada no Japão**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A maioria (62,2% dos homens e 72,3% das mulheres) não declarou o objetivo financeiro a ser alcançado. Entre os que declararam, os dois valores com maior frequência são 50 e 100 mil dólares, para ambos os sexos (Gráfico 37).

**Gráfico 37– Distribuição por sexo e objetivo de acúmulo financeiro (em US\$)**



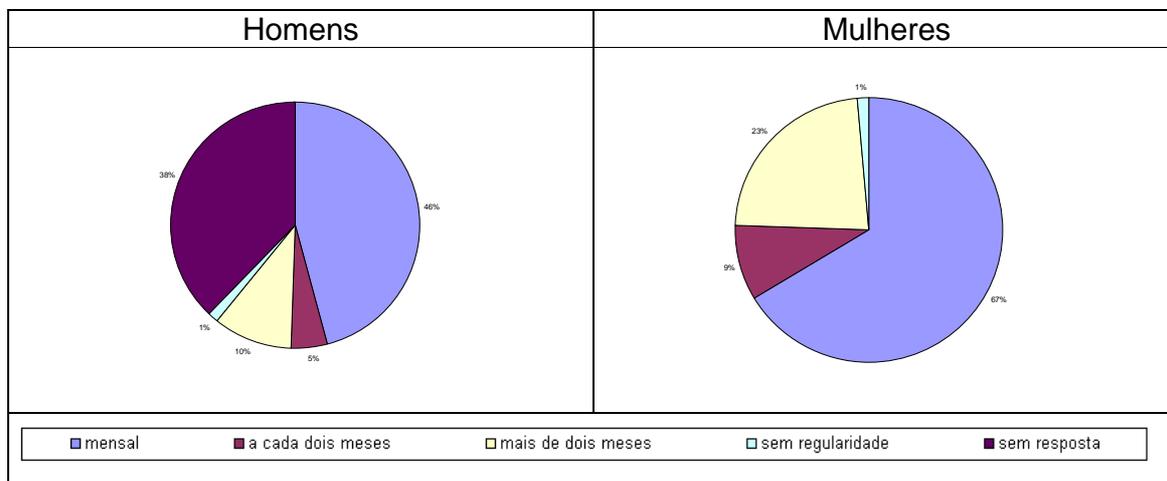
Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A grande maioria (66,6% dos homens e 58,3% das mulheres), porém, declara fazer remessas regulares para o Brasil, indicando possivelmente não a constituição de um patrimônio (que poderia ser feito no Japão), mas gastos correntes.

Mais homens (65% contra 56% das mulheres) declararam enviar regularmente dinheiro para o Brasil, mas o valor médio dessas remessas é maior entre as mulheres: US\$ 2300,00 contra US\$ 1260,00. Porém, o valor mediano é menor para as mulheres que apresentam três valores discrepantes, provavelmente valores declarados em yenes e não em dólares. O valor médio mais elevado das remessas femininas é decorrente desses valores discrepantes. Eliminando-se estes valores, o valor médio das remessas femininas cai para US\$630,00.

Os valores declarados foram principalmente múltiplos de 100 dólares, indicando arredondamento, seja na declaração, seja no envio propriamente dito. O valor modal foi de US\$1.000,00. Entre os que fazem remessas regulares, a frequência modal é a mensal (73,8% dos homens e 66,3% das mulheres). Cerca de 8% declarou fazer remessas a cada 2 meses e cerca de 20% a intervalos maiores. Uma menor proporção declara não ter regularidade nas remessas (2% dos homens e 1,3% das mulheres).

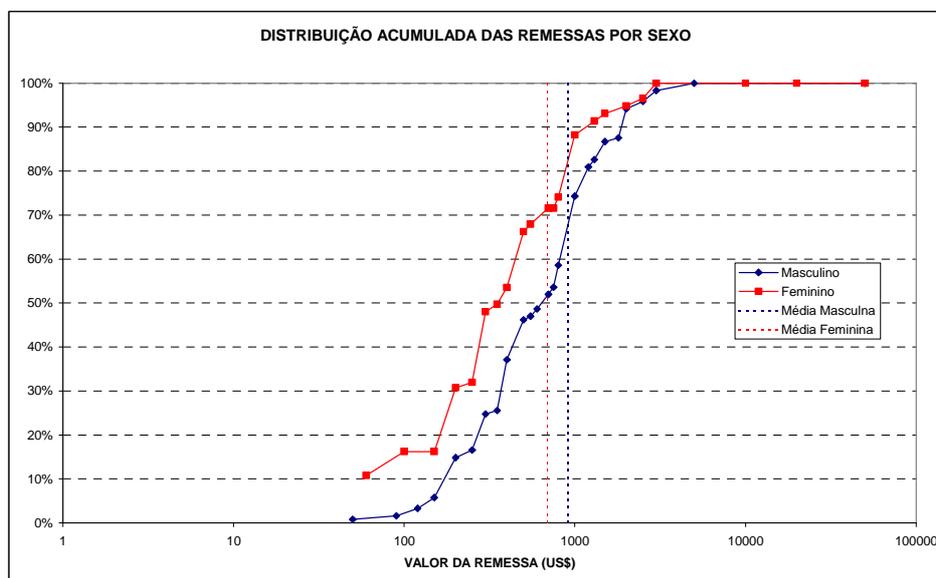
**Gráfico 38– Distribuição por sexo e frequência de envio de dinheiro para o Brasil**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

O valor médio mensal das remessas é de US\$905,00 para os homens e de US\$687,00 para as mulheres, caindo porém para US\$621,00 se eliminados os valores discrepantes acima mencionados (ver Gráfico 39 em escala logarítmica).

**Gráfico 39 - Distribuição por sexo e valor de remessas financeiras mensais(em US\$)**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

### III. 3 Capacitação

Cerca de 52% dos entrevistados do sexo masculino e 80% dos do sexo feminino não passou por situação de chefia na sua atividade laboral no Brasil. Planejamento e gerência foram os quesitos onde os homens encontraram mais dificuldades e planejamento e execução os quesitos onde as mulheres encontraram mais dificuldades (Tabela 17).

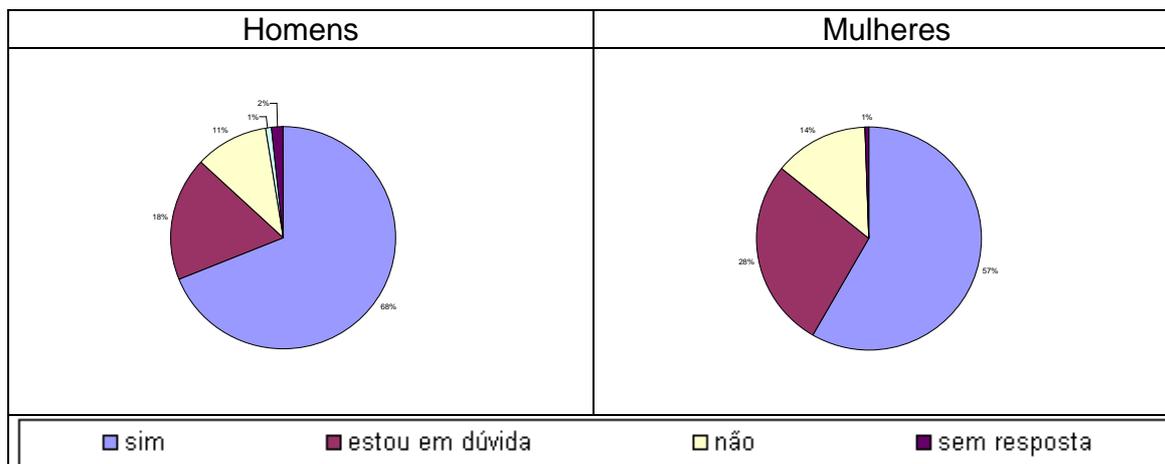
**Tabela 17 – Distribuição por sexo e tendo experiência, se encontrou dificuldade em/ com**

	Homens			Mulheres		
	Sim	Não	Não marcou	Sim	Não	Não marcou
Planejamento	16,2%	20,5%	63,0%	10,0%	7,0%	81,7%
Execução	7,5%	23,8%	68,0%	8,0%	8,0%	83,0%
Dificuldade em abrir negócio	7,1%	19,6%	73,0%	2,0%	13,0%	83,7%
Acompanhamento	10,4%	22,5%	67,0%	5,0%	11,0%	82,5%
Liderar	8,3%	22,9%	68,0%	3,0%	10,0%	86,6%
Gerenciar	17,5%	19,6%	62,0%	6,0%	9,0%	84,0%
Legislação tributária	12,0%	18,4%	69,0%	4,0%	11,0%	83,7%
Legislação trabalhista	9,1%	20,5%	72,9%	5,0%	10,0%	85,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A grande maioria pretende abrir o próprio negócio: 69% dos homens e 58% das mulheres. Uma proporção menor declara estar em dúvida: respectivamente 18 e 28%. Os demais ou não responderam ou declararam que não tem intenção de abrir negócio próprio. O preocupante é que entre os que pretendem abrir um negócio próprio, 65% havia declarado não ter tido nem experiência com chefia nem com negócio próprio. A proporção de indivíduos que declara precisar de apoio com respeito à “gestão empresarial através de cursos e treinamentos para abrir um negócio próprio” entre os que não tiveram experiência prévia e pretendem abrir negócio é menor do que entre aqueles que já tiveram experiência: 63,9% e 83,5 respectivamente, sinalizando uma menor consciência dos problemas a serem enfrentados entre os sem experiência anterior (ver Gráfico 40).

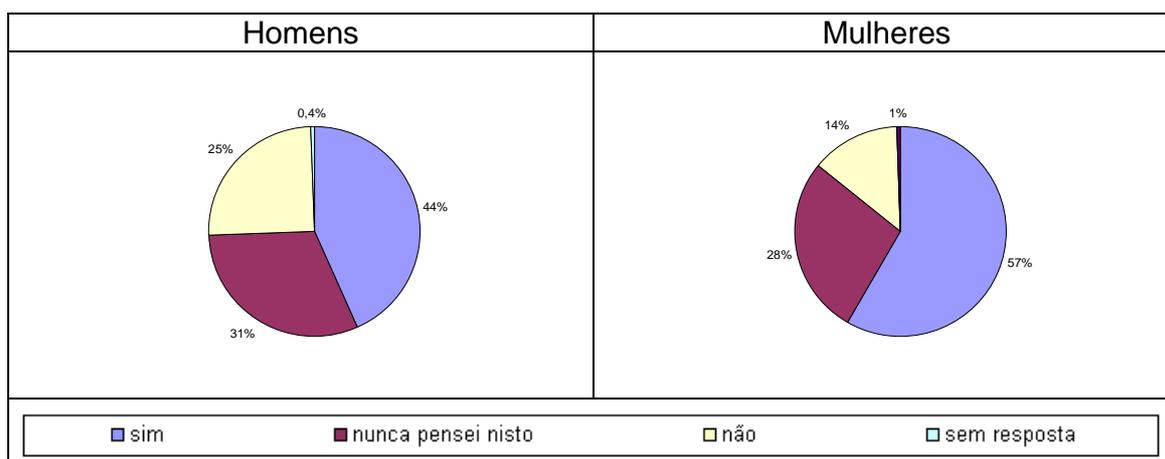
**Gráfico 40 – Distribuição por sexo e se pretende abrir o próprio negócio**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A opção de cooperativismo/associativismo como forma de organização parece não ter passado pela cabeça de 1/3 dos entrevistados (mais precisamente 31% dos homens e 37% das mulheres), ainda que a grande maioria, como visto acima, pense em abrir o próprio negócio. Os homens parecem ter associação/cooperativa como mais desejável já que 44% declararam que trabalhariam nesta modalidade, por oposição aos 32% declarados pelas mulheres. Um não categórico foi expresso por 25% dos homens e 30% das mulheres.

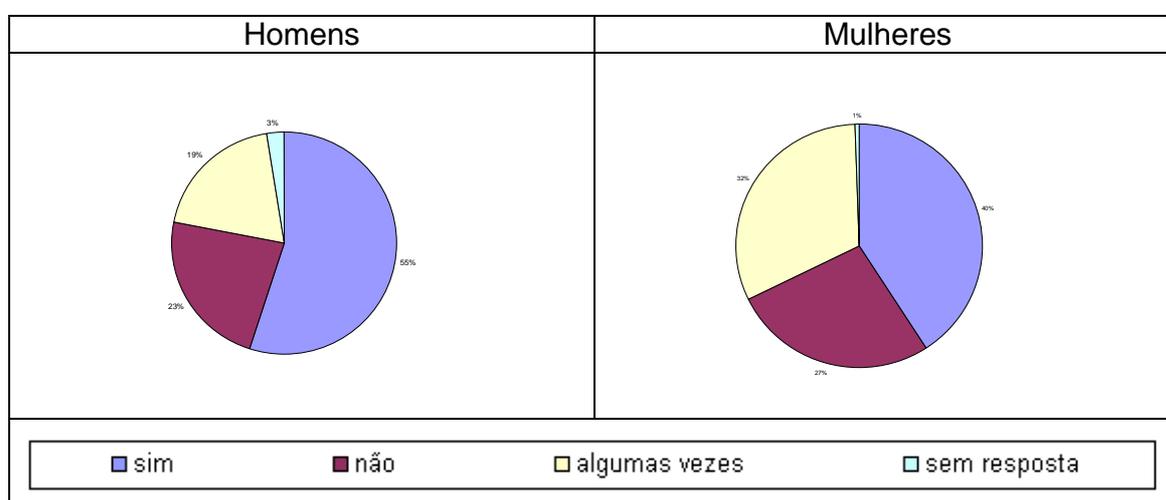
**Gráfico 41 – Distribuição por sexo e se trabalharia em forma de cooperativa/associação**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A preocupação com as informações para o negócio e da situação da economia nacional parece ser maior entre os homens, que também declararam um maior nível de intenção em abrir negócios próprios. Quando questionados se “já tinham buscado informações no Japão ou no Brasil com pessoas que trabalham em negócios que deseja desenvolver no Brasil?” um pouco mais de metade dos homens e quase 2/3 das mulheres responderam que não (ver Tabela A 5 no Anexo I). No que diz respeito ao acompanhamento da situação econômica e/ou de viabilidade dos negócios no Brasil (a pergunta formulada foi “Daqui do Japão você busca informações atualizadas sobre trabalho, empresas e economia do Brasil?”), também os homens parecem mais preocupados ou pelo menos procuram mais freqüentemente por informações: 55% dos homens contra 40% das mulheres declararam que sim procuravam e respectivamente 19 e 32% declararam alguma procura (ver Gráfico 42).

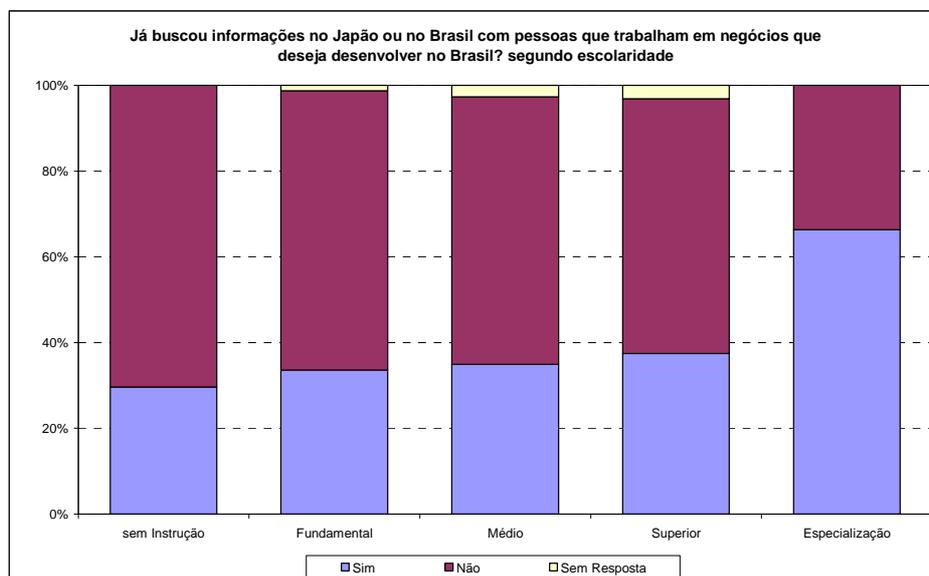
**Gráfico 42 – Distribuição por sexo e se no Japão buscou informação sobre trabalho/empresas e economia no Brasil**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

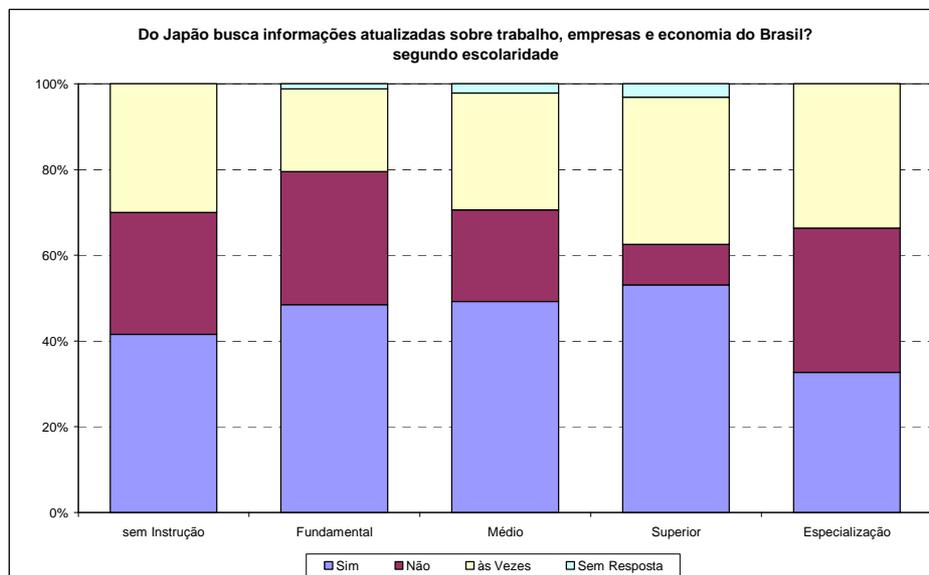
O conhecimento da língua japonesa não afetou sobremaneira a procura por informações, mas a escolaridade sim: a proporção de indivíduos que responderam positivamente aos quesitos correspondentes à Tabela A 5 no Anexo I e ao Gráfico 42 é crescente com a escolaridade (ver Gráfico 43 e Gráfico 44)

**Gráfico 43- Distribuição se buscou informação sobre negócios segundo escolaridade**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

**Gráfico 44 - Distribuição se no Japão buscou informação sobre trabalho/empresas e economia no Brasil segundo escolaridade**



Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Um conjunto de perguntas tentou mensurar o interesse e disponibilidade de tempo dos *dekasseguis* no Japão para frequentar cursos não ligados diretamente ao trabalho. A grande maioria declarou ter interesse, mas não ter tempo como a razão para a não frequência. Cerca de 1/3 dos entrevistados não respondeu as questões (com uma proporção maior quando se perguntou sobre a área da cultura). Uma minoria declara estar cursando, com valores maiores para cursos de língua japonesa (ver Tabela 18)

**Tabela 18 – Teria tempo/ interesse em frequentar cursos de língua, cultura, profissionalizante ou de gerenciamento?**

	Língua		Cultura		Profissionalizante		Gerenciamento	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nem tempo nem interesse	3,7%	1,4%	6,7%	4,2%	4,6%	4,7%	10,4%	10,0%
Tempo, mas não interesse	3,8%	2,4%	5,9%	4,6%	2,9%	3,2%	5,0%	2,4%
Interesse, mas não tempo	50,4%	53,0%	32,9%	44,2%	49,5%	56,1%	37,9%	39,3%
Gostaria, mas não sabe como	7,5%	8,8%	5,8%	8,4%	11,7%	10,5%	7,9%	8,7%
Já frequênto	5,4%	10,1%	0,0%	2,1%	1,7%	1,2%	0,0%	0,0%
Sem resposta	29,2%	24,3%	48,7%	36,6%	29,6%	24,3%	38,8%	39,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

Quando perguntados sobre a necessidade de apoio quando do retorno ao Brasil a grande maioria declarou precisar de algum tipo de apoio (Tabela A 6 no Anexo I). Menos de 10% declarou nunca ter pensado neste assunto. A maior incidência é para cursos formativos para abertura de negócios seguido de adaptação ao país (Tabela 19). Filhos parecem uma maior preocupação entre as mulheres: 25% declaram precisar de apoio contra os 11% dos respondentes masculinos. Documentação, assistência médica e ajuda psicológica aparecem com valores no entorno de 10%. Outros tipos de ajuda além das já listadas tampouco foram largamente voluntariados (somente 2,1% dos entrevistados). Além de duas que seriam mais razões para não terem respondido o quesito (“não tem data prevista para voltar” e “morar em outro país”) as outras opções foram “aposentar”, “em que aplicar” e “apoio do governo para agricultura” com menos de 1% cada uma (Tabela 20).

**Tabela 19 – Distribuição de necessidades por sexo**

	Homens	Mulheres
Apoio de amigos e familiares para adaptação no país	30,0%	28,5%
Apoio de amigos e familiares para arrumar trabalho	15,0%	15,0%
Capacitação para arrumar emprego	12,1%	17,7%
Apoio educacional, para adaptação dos filhos na escola	11,2%	25,2%
Gestão empresarial através de cursos e treinamentos para abrir um negócio próprio	57,9%	50,5%
Apoio para regularizar documentação	12,9%	14,6%
Assistência médica	10,4%	15,0%
Assistência psicológica	2,1%	5,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

**Tabela 20 – Distribuição por sexo e outro apoio que julga necessitar**

	Homens	Mulheres
0 - não marcou	97,9%	97,9%
3 - não tem data prevista para retorno	0,8%	0,7%
4 - em que aplicar	0,0%	0,7%
5 - morar em outro país	0,8%	0,0%
15 - apoio do governo na área da agricultura	0,4%	0,0%
16 - aposentar	0,0%	0,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

A esmagadora maioria dos entrevistados é proveniente de São Paulo. Em segundo lugar como estado de origem encontra-se o Paraná. Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro vêm em terceiro lugar (Tabela 21 – no Anexo I, a Tabela A 8 apresenta a íntegra das UFs).

**Tabela 21 – Distribuição por sexo e estado onde morava no Brasil e onde pretende morar na volta (2004 – Pesquisa) e distribuição da população nikkey desagregado por dekasseguis retornados e não dekasseguis (2000 – Censo)**

	Morava		Pretende morar		Nikkeys não deka		Nikkeys dekasseguis	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
SP	61,7	64,0	47,9	48,7	46,8	48,2	54,7	55,0%
PR	18,3	16,5	19,5	19,3	9,0	9,1	24,7	24,7%
BA	0,8	0,0	2,5	2,9	5,9	5,8	0,8	0,8%
MG	2,9	2,1	1,3	2,1	5,4	5,2	2,8	3,0%
RJ	3,8	5,6	3,8	2,1	4,5	4,6	2,4	2,1%
PA	0,8	4,3	0,4	2,9	2,9	2,7	2,3	2,6%
CE	0,0	0,0	0,4	0,0	2,6	2,5	0,5	0,4%
PE	0,0	0,0	0,0	0,0	2,2	2,3	0,4	0,4%
GO	0,8	0,0	1,7	0,0	2,1	2,1	1,4	1,5%
MA	0,0	0,8	0,0	0,0	2,2	1,9	0,0	0,0%
MS	5,4	3,6	5,0	3,5	2,0	2,0	3,9	3,6%
AM	1,3	0,8	1,3	0,7	2,1	1,8	1,0	0,8%
RS	0,4	0,5	0,4	0,5	1,6	1,5	1,2	1,1%
MT	2,5	0,0	1,7	0,5	1,6	1,4	1,2	1,3%
Demais UFs	1,2	1,9	1,7	1,2	9,2	8,8	2,8	2,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

O estado de origem com maior dispersão na intenção de mudança é São Paulo, por apresentar também o maior contingente. O Paraná aparece como destino preferencial dos migrantes que não pretendem retornar ao seu estado de origem. A Bahia aparece como o segundo destino preferencial seguido de São Paulo (Tabela 21 e Tabela A 7 no Anexo I).

A Tabela 22 apresenta a província declarada como residência pelos entrevistados. Segundo o Censo japonês de 2005, estas províncias concentram 92% da população brasileira no Japão (ver seção II).

**Tabela 22 – Distribuição por sexo e província onde mora no Japão**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Aichi	15,9%	5,6%
Chiba	6,2%	3,6%
Gifu	3,3%	2,1%
Gumma	5,4%	11,6%
Ibaraki	4,5%	2,2%
Kanagawa	16,3%	20,3%
Mie	7,1%	5,8%
Nagano	15,8%	8,0%
Osaka	0,0%	1,4%
Saitama	12,1%	19,1%
Shiga	1,7%	2,9%
Shizuoka	2,9%	4,3%
Tochigi	3,8%	2,8%
Tokyo	2,5%	3,3%
Toyama	0,0%	0,5%
Yamagata	0,8%	0,8%
Yamanashi	0,8%	2,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionário B.

## **IV – Comentários e Conclusões**

A população de *dekasseguis* apresenta uma escolaridade mais baixa do que a média dos descendentes de asiáticos no Brasil, porém mais alta do que a média nacional. Cumpre notar que os nikkeis de escolaridade mais baixa e mais alta tampouco se tornam *dekasseguis*, os primeiros talvez por causa de barreiras de informação e os segundos pela existência de mais oportunidades no mercado brasileiro.

Uma grande barreira à adaptação no Japão está relacionada com a língua e os costumes. A maior parte dos *dekasseguis* ainda que apresentem um fenótipo de nativo japonês, e embora tenham ancestrais japoneses razoavelmente próximos, não se comportam mais como japoneses. Há um distanciamento nas relações com parentes japoneses: a grande maioria não estabelece contato com os parentes nativos, sendo que o contato com japoneses não parentes é declarado como maior do que com os japoneses parentes. Por outro lado, outros fatores, embora estreitamente ligados com o excesso de trabalho, apontam para um desinteresse pela cultura japonesa: mais de ¾ dos *dekasseguis* entrevistados declararam nunca ter ido a um museu no Japão e mais de 2/3 declararam nunca ter ido a um teatro/cinema. E uma proporção ainda maior declarou não freqüentar nenhum curso de japonês, mesmo declarando ser a língua um problema.

Esta aparente contradição entre o ser e o parecer gera conflitos de adaptação por parte dos migrantes e de aceitação por parte dos nativos. Este conflito de identidade já existia no Brasil, mas a ida ao Japão só reforça o sentimento de não pertinência a este país, e conseqüentemente reforça a identidade brasileira, expressa pela grande proporção de indivíduos que declaram “saudades do Brasil” como problema. Além desta, outras dificuldades enfrentadas foram citadas, tais como língua e excesso de trabalho.

Um outro fator que contribui para os conflitos de adaptação reside no tipo de atividade que exercem no Japão (completamente diferentes dos tipos anteriormente exercidos no Brasil), normalmente atividades que exigem pouca especialização, a maioria como operários em fábricas e indústria em tarefas, como já mencionado, desprezadas pelos japoneses e sujeitos a longas jornadas de trabalho.

A pesquisa apontou como opções mais mencionadas para a ida ao Japão a busca por melhoria de vida e poupar para abrir negócios no Brasil. A motivação, portanto, da ida ao Japão está ligada principalmente a questões econômicas, o que explica também a maior proporção de homens que viajam sozinhos e os reiterados retornos no caso de insucesso no Brasil, principalmente para o pessoal de mais baixa escolaridade. A maioria destes *dekasseguis* declarou querer abrir negócio próprio. No entanto, não tinham nem experiência anterior nem tinham investido em adquirir os conhecimentos necessários. A situação dos *dekasseguis* com reiteradas idas e vindas no eixo Brasil-Japão, migrações internas freqüentes bem como mudanças de emprego e passagens por períodos de desemprego no Japão (ainda que possivelmente curtos) tipificam o movimento *dekassegui*.

A maioria, 89% dos homens e 86% das mulheres declarou não pretender se fixar no Japão. É possível, porém, que como ocorreu com seus antepassados que vieram para o Brasil com o firme propósito de retornar posteriormente e aqui ficaram, a situação simétrica possa vir a ocorrer com estes *dekasseguis* – construam uma vida permanente no Japão. Uma outra possibilidade seria a não resolução do conflito em nenhuma dos dois países tornando permanente e reiterado o movimento migratório. As evidências mais recentes de informações do Censo japonês de 2005 apontam para a existência simultânea de indivíduos nos dois grupos.

## Bibliografia

BELTRÃO, K. I.; NOVELLINO, M. S. F. *Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000*. Textos Para Discussão ENCE, Rio de Janeiro/RJ: IBGE, v.1, p. 1-55, 2002.

BELTRÃO, K. I. Raça e fronteiras sociais: lendo nas entrelinhas do centenário hiato de raças no Brasil. In: *Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA e Fundação Ford, 2005, 230 p. Sergei Soares, Kaizô Iwakami Belrão, Eugénia Ferrão e Maria Lígia Barbosa (eds.).

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão, *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo: ABEP, vol. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006.

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. *Levantar subsídios no Japão para uma vida melhor no Brasil - nikkeys que afirmam ter a intenção de ir para o Japão trabalhar (questionário A)*, Texto para discussão, ENCE, nº 26, 2009a.

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. *Reintegração? Trabalhadores que retornaram ao Brasil após trabalharem no Japão (questionário C)*, Texto para discussão, ENCE, nº 28, 2009b.

BRASILEIROS no exterior. Portal da Câmara dos Deputados. Seção: Relatórios, Artigos e Publicações. Acesso em: 12 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/credn/publicacao/NotatecnicaBrasileirosExterior.html>

CENSO DEMOGRÁFICO – 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Microdados. CD-ROM

*DEKASSEGUI*: empreendedor e cidadão. [s.l.]: Sebrae Nacional; [Curitiba]: Associação Brasileira de *Dekasseguís*, 2004. 73p. Kaizô Iwakami Beltrão; Sonoe Sugahara. Coordenadores da pesquisa de campo.

FUSCO, W., HIRANO, F. Y. e Peres, R. G. Brasileiros nos Estados Unidos e Japão. Anais do *XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*. Ouro Preto, 2002, v.1.

HOSHI, Makoto. *Novíssimo Dicionário Japonês-Portugues*. Cultural Japão-Brasil, Japão, 1969.

KODAMA, Kaori. O Sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa. In: *BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. 231p.; p. 197-213.

JAPAN Statistical Yearbook 2005. Statistical Bureau & Statistical Research and Training Institute. Ministry of Internal Affairs and Communications. The Portal Statistics Bureau of Japan. Acesso em: 12 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www.stat.go.jp/english/data/nenkan/index.htm>

NAOTO, Higuchi. Migration Process of *Nikkei* Brazilians. In YAMADA, Mutsuo (ed.) *Emmigração Latinoamericana: Comparación interregional entre América Del Norte, Europa y Japón*. JCAS Symposium Series, Osaka: Japan Center for Area Studies, September 2003, pp.379-406.

ROSSINI, Rosa Éster. O Brasil no Japão: a conquista do espaço dos nikkeis do Brasil no Japão. In: In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Caxambu, 2004.

SAITO (Org.). *A Presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1980.

SASAKI, E. M. "*Dekasseguis*: Migrantes Brasileiros no Japão". In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Caxambu: ABEP, 1998, v.1

SENDING Money Home: Remittances to Latin America and the Caribbean. Washington, D.C., IADB, 2004. Study for the Multilateral Investment Fund, Inter-American Development Bank. Acesso em: 12 de novembro de 2005. Disponível em:  
<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=547263>

University of Michigan, [www.emich.edu/public/foreignlanguages/jpne/](http://www.emich.edu/public/foreignlanguages/jpne/)

## Anexo I – Tabelas

Tabela A 1– Distribuição dos brasileiros no Japão segundo província e sexo - 2000

	Números absolutos			Distribuição (%)		
	Ambos os sexos	Homens	Mulheres	Ambos os sexos	Homens	Mulheres
<b>Japão</b>	<b>188.355</b>	<b>103.246</b>	<b>85.109</b>			
Hokkaido	249	116	133	0,1	0,1	0,2
Aomori-ken	76	43	33	0,0	0,0	0,0
Iwate-ken	216	132	84	0,1	0,1	0,1
Miyagi-ken	705	327	378	0,4	0,3	0,4
Akita-ken	68	36	32	0,0	0,0	0,0
Yamagata-ken	430	232	198	0,2	0,2	0,2
Fukushima-ken	1.045	584	461	0,6	0,6	0,5
Ibaraki-ken	7.447	4.325	3.122	4,0	4,2	3,7
Tochigi-ken	6.352	3.379	2.973	3,4	3,3	3,5
Gumma-ken	11.596	6.253	5.343	6,2	6,1	6,3
Saitama-ken	9.190	4.986	4.204	4,9	4,8	4,9
Chiba-ken	4.563	2.362	2.201	2,4	2,3	2,6
Tokyo-to	3.035	1.496	1.539	1,6	1,4	1,8
Kanagawa-ken	9.003	4.817	4.186	4,8	4,7	4,9
Niigata-ken	931	543	388	0,5	0,5	0,5
Toyama-ken	2.683	1.475	1.208	1,4	1,4	1,4
Ishikawa-ken	1.516	939	577	0,8	0,9	0,7
Fukui-ken	2.693	1.612	1.081	1,4	1,6	1,3
Yamanashi-ken	3.347	1.871	1.476	1,8	1,8	1,7
Nagano-ken	15.632	7.998	7.634	8,3	7,7	9,0
Gifu-ken	10.600	5.843	4.757	5,6	5,7	5,6
Shizuoka-ken	27.956	15.702	12.254	14,8	15,2	14,4
Aichi-ken	35.786	19.560	16.226	19,0	18,9	19,1
Mie-ken	10.781	6.071	4.710	5,7	5,9	5,5
Shiga-ken	7.509	4.255	3.254	4,0	4,1	3,8
Kyoto-fu	476	236	240	0,3	0,2	0,3
Osaka-fu	3.211	1.842	1.369	1,7	1,8	1,6
Hyogo-ken	2.590	1.344	1.246	1,4	1,3	1,5
Nara-ken	637	338	299	0,3	0,3	0,4
Wakayama-ken	163	76	87	0,1	0,1	0,1
Tottori-ken	103	67	36	0,1	0,1	0,0
Shimane-ken	1.119	806	313	0,6	0,8	0,4
Okayama-ken	1.527	924	603	0,8	0,9	0,7
Hiroshima-ken	3.549	1.855	1.694	1,9	1,8	2,0
Yamaguchi-ken	251	131	120	0,1	0,1	0,1
Tokushima-ken	92	45	47	0,0	0,0	0,1
Kagawa-ken	334	186	148	0,2	0,2	0,2
Ehime-ken	148	94	54	0,1	0,1	0,1
Kochi-ken	17	6	11	0,0	0,0	0,0
Fukuoka-ken	238	123	115	0,1	0,1	0,1
Saga-ken	25	9	16	0,0	0,0	0,0
Nagasaki-ken	59	33	26	0,0	0,0	0,0
Kumamoto-ken	67	32	35	0,0	0,0	0,0
Oita-ken	59	25	34	0,0	0,0	0,0
Miyazaki-ken	43	19	24	0,0	0,0	0,0
Kagoshima-ken	87	40	47	0,0	0,0	0,1
Okinawa-ken	151	58	93	0,1	0,1	0,1

Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

**Tabela A 2– Distribuição dos brasileiros no Japão segundo província e sexo – 2005 e variação entre 2000 e 2005**

	Números absolutos			Variação 2000/2005 (%)		
	Ambos os sexos	Homens	Mulheres	Ambos os sexos	Homens	Mulheres
<b>Japão</b>	214049	117478	96571	<b>14%</b>	<b>14%</b>	<b>13%</b>
Hokkaido	207	99	108	-17%	-15%	-19%
Aomori-ken	24	10	14	-68%	-77%	-58%
Iwate-ken	443	288	155	105%	118%	85%
Miyagi-ken	721	357	364	2%	9%	-4%
Akita-ken	22	11	11	-68%	-69%	-66%
Yamagata-ken	271	135	136	-37%	-42%	-31%
Fukushima-ken	510	296	214	-51%	-49%	-54%
Ibaraki-ken	7587	4227	3360	2%	-2%	8%
Tochigi-ken	6893	3662	3231	9%	8%	9%
Gumma-ken	12805	6979	5826	10%	12%	9%
Saitama-ken	9031	4957	4074	-2%	-1%	-3%
Chiba-ken	3849	1950	1899	-16%	-17%	-14%
Tokyo-to	2683	1350	1333	-12%	-10%	-13%
Kanagawa-ken	9190	5027	4163	2%	4%	-1%
Niigata-ken	967	574	393	4%	6%	1%
Toyama-ken	3530	1978	1552	32%	34%	28%
Ishikawa-ken	1005	582	423	-34%	-38%	-27%
Fukui-ken	2248	1290	958	-17%	-20%	-11%
Yamanashi-ken	3949	2122	1827	18%	13%	24%
Nagano-ken	13132	6728	6404	-16%	-16%	-16%
Gifu-ken	13687	7579	6108	29%	30%	28%
Shizuoka-ken	35652	20109	15543	28%	28%	27%
Aichi-ken	48791	26706	22085	36%	37%	36%
Mie-ken	14212	7835	6377	32%	29%	35%
Shiga-ken	9697	5367	4330	29%	26%	33%
Kyoto-fu	366	200	166	-23%	-15%	-31%
Osaka-fu	2626	1508	1118	-18%	-18%	-18%
Hyogo-ken	2495	1329	1166	-4%	-1%	-6%
Nara-ken	501	279	222	-21%	-17%	-26%
Wakayama-ken	115	51	64	-29%	-33%	-26%
Tottori-ken	36	13	23	-65%	-81%	-36%
Shimane-ken	486	358	128	-57%	-56%	-59%
Okayama-ken	1325	830	495	-13%	-10%	-18%
Hiroshima-ken	3535	1938	1597	0%	4%	-6%
Yamaguchi-ken	280	134	146	12%	2%	22%
Tokushima-ken	47	24	23	-49%	-47%	-51%
Kagawa-ken	300	183	117	-10%	-2%	-21%
Ehime-ken	122	74	48	-18%	-21%	-11%
Kochi-ken	15	6	9	-12%	0%	-18%
Fukuoka-ken	260	136	124	9%	11%	8%
Saga-ken	19	7	12	-24%	-22%	-25%
Nagasaki-ken	38	15	23	-36%	-55%	-12%
Kumamoto-ken	57	19	38	-15%	-41%	9%
Oita-ken	70	39	31	19%	56%	-9%
Miyazaki-ken	37	20	17	-14%	5%	-29%
Kagoshima-ken	61	31	30	-30%	-23%	-36%
Okinawa-ken	152	66	86	1%	14%	-8%

Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

**Tabela A 3– Escolha das dificuldades no Japão segundo sexo**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Língua	43,4%	43,6%
Adaptação no emprego	1,7%	1,9%
Creche/escola para o filho	3,3%	5,5%
Doença/depressão	3,7%	10,6%
Saudades do Brasil	49,2%	49,4%
Rebeldia dos filhos	0,8%	3,2%
Adaptação aos usos, alimentação, costumes e pensamentos japoneses	9,1%	10,4%
Discriminação	21,3%	24,5%
Desemprego	1,7%	1,4%
Relação com autoridades	1,7%	0,5%
Relação com empregadores	0,0%	0,5%
Relação com colegas de trabalho japoneses	5,0%	5,6%
Relação com colegas de trabalho brasileiros	8,7%	9,7%
Relação com vizinhos	2,1%	0,8%
Relação com japoneses em geral	4,6%	3,0%
Excesso de trabalho	12,5%	20,6%
Aprendizado e manutenção da língua portuguesa com os filhos	4,2%	7,8%
Legislação local	2,1%	3,3%

**Tabela A 4– Distribuição por sexo e se algum treinamento recebido dentro da empresa desenvolveu ou desenvolve alguma habilidade especial ou proporciona alguma qualificação profissional, válidas no Brasil?**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Sim	54,2%	42,5%
Não	44,2%	54,6%
Sem resposta	1,7%	2,9%

Resposta 1

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Não respondeu	49,0%	57,4%
02- organização, qualidade, controle, experiências, responsabilidade	13,7%	17,3%
03- marketing	0,4%	0,0%
04- logística	0,4%	0,0%
05- métodos de trabalhos	30,1%	14,4%
06- cursos técnicos	3,0%	2,1%
07- construção civil	1,7%	0,0%
08- escrita e fala	0,4%	3,8%
09-outros	0,4%	0,0%
10- área de alimentação	0,8%	3,5%
11- negócios	0,0%	1,5%

Resposta 2

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Não respondeu	97,3%	98,5%
05- métodos de trabalhos	1,8%	1,5%
06- cursos técnicos	0,4%	0,0%
08- escrita e fala	0,4%	0,0%

**Tabela A 5– Distribuição por sexo e se buscou informação sobre negócios**

	Homens	Mulheres
Sim	40,9%	26,8%
Não	56,2%	72,5%
Sem resposta	2,9%	0,7%

**Tabela A 6– Distribuição por sexo e se voltar ao Brasil, que tipo de apoio julga necessitar**

	Homens	Mulheres
Não pensei nisto	10,4%	8,8%
Não marcou	89,6%	91,2%

**Tabela A 7– Cruzamento de estado de origem (linhas) e estado onde pretende viver (colunas) – em % sobre o total de entrevistados.**

		Estado onde pretende morar no Brasil														
	AM	BA	CE	DF	GO	MG	MS	MT	PA	PR	RJ	RN	RO	RS	SC	SP
AM	0,45									0,35						0,22
BA		0,44														
CE																
DF				0,55												
ES																
GO					0,45											
MA										0,35						
MG						1,34	0,32			0,45						
MS							4,01									0,35
MT		0,45						0,89								
PA	0,32								1,55							
PR		0,35	0,22							14,88					0,45	0,22
RJ											3,01					
RN												0,22				
RO																0,22
RS														0,45		
SC																
SP	0,22	1,44			1,45	0,32		0,23		3,18					0,22	47,31

**Tabela A 8 – Distribuição por sexo e Estado onde morava no Brasil e onde pretende morar na volta (2004 – pesquisa) e da população nikkey no Brasil desagregada por dekasseguis retornados e não (2000 – censo)**

	Morava		Pretende morar		Nikkeys não deka		Nikkeys dekasseguis	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
SP	61,7	64,0	47,9	48,7	46,8	48,2%	54,7%	55,0%
PR	18,3	16,5	19,5	19,3	9,0	9,1%	24,7%	24,7%
BA	0,8	0,0	2,5	2,9	5,9	5,8%	0,8%	0,8%
MG	2,9	2,1	1,3	2,1	5,4	5,2%	2,8%	3,0%
RJ	3,8	5,6	3,8	2,1	4,5	4,6%	2,4%	2,1%
PA	0,8	4,3	0,4	2,9	2,9	2,7%	2,3%	2,6%
CE	0,0	0,0	0,4	0,0	2,6	2,5%	0,5%	0,4%
PE	0,0	0,0	0,0	0,0	2,2	2,3%	0,4%	0,4%
GO	0,8	0,0	1,7	0,0	2,1	2,1%	1,4%	1,5%
MA	0,0	0,8	0,0	0,0	2,2	1,9%	0,0%	0,0%
MS	5,4	3,6	5,0	3,5	2,0	2,0%	3,9%	3,6%
AM	1,3	0,8	1,3	0,7	2,1	1,8%	1,0%	0,8%
RS	0,4	0,5	0,4	0,5	1,6	1,5%	1,2%	1,1%
MT	2,5	0,0	1,7	0,5	1,6	1,4%	1,2%	1,3%
PI	0,0	0,0	0,0	0,0	1,4	1,4%	0,0%	0,0%
DF	0,0	1,9	0,0	1,2	1,1	1,2%	1,0%	0,9%
SC	0,0	0,0	1,3	0,0	1,0	1,0%	1,0%	0,9%
AL	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,7%	0,0%	0,0%
SE	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,7%	0,0%	0,0%
TO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,7%	0,1%	0,1%
PB	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,7%	0,2%	0,1%
ES	0,4	0,0	0,0	0,0	0,7	0,6%	0,2%	0,1%
RN	0,4	0,0	0,4	0,0	0,7	0,6%	0,0%	0,0%
RO	0,4	0,0	0,0	0,0	0,6	0,6%	0,2%	0,3%
AC	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,3%	0,0%	0,0%
AP	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,3%	0,0%	0,0%
RR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1%	0,1%	0,1%
Não Declararam				12,5	15,6			





**p) Você tem intenção de (pode marcar mais de uma opção):**

- fixar-se no Japão
  - regressar ao Brasil e abrir um negócio próprio
  - regressar ao Brasil e contribuir para os negócios da família
  - regressar ao Brasil com a poupança conseguida e viver de rendas/ trabalho
  - não retornar mais uma vez ao Japão mesmo que os negócios no Brasil não dêem certo
  - voltar ao Japão se ocorrer insucesso no Brasil
  - regressar ao Brasil porém tenho medo
- Porquê? \_\_\_\_\_

**q) Quantas vezes, desta vez, mudou de emprego no Japão (escreva zero caso esteja no primeiro emprego)?**

vez (es)

**r) Quando veio ao Japão, desta vez, de que modo encontrou trabalho? (assinale apenas uma opção)**

- nas agências de turismo do Brasil/agenciadoras/empreiteiras no Japão
- através de amigos e parentes
- convite de empresa que foi ao Brasil recrutar
- Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no exterior (CIATE)
- jornais
- organizações religiosas
- internet
- outro \_\_\_\_\_

**s) Você está ou já esteve desempregado no Japão?**

não                      sim

Quanto tempo? \_\_\_\_\_

**t) Você tem algum tipo de cobertura de saúde/previdência em (assinale uma resposta em cada linha):**

	Sim, no Jp	Sim, no Br	Não
Assistência à Saúde para si			
Assistência à Saúde para a família			
Seguro de Vida			
Seguro Acidente			
Previdência Oficial			
Previdência Privada			

**u) O imóvel onde reside é:**

- próprio
- alugado
- da empreiteira (mesmo alugado)
- da firma para qual trabalho (mesmo alugado)

outros (especifique) \_\_\_\_\_

**v) Quem custeou sua passagem de vinda para o Japão:**

a firma para a qual trabalha (ou)  
empreiteira/agenciadora  
eu próprio/ família  
outros. Quem? \_\_\_\_\_

**w) Com que tipo de visto entrou no Japão e que visto possui atualmente?**

	Na entrada	Atual
Turista		
Permanência temporária		
Permanência permanente		

**x) Qual foi o objetivo de sua vinda ao Japão nesta última vez? (pode assinalar mais de uma opção)**

fugir do desemprego no Brasil  
insatisfação com a renda/salário que tinha no Brasil  
busca de oportunidade de melhoria de vida  
poupar dinheiro para investir em negócios no Japão  
acompanhar familiares  
poupar, para no Brasil abrir um negócio próprio  
poupar, para no Brasil ajudar nos negócios da família  
acumular experiência numa área de trabalho  
sustentar a família  
conhecer o Japão  
fixar-se no Japão  
conseguir recursos para pagar os estudos  
conseguir recursos para pagar dívidas  
outros

quais? \_\_\_\_\_

**y) Você acha que seus objetivos estão sendo alcançados:**

sim  
ainda não  
não e dificilmente serão alcançados.

**z) Caso você esteja aqui no Japão com seus filhos, eles freqüentam:**

escola japonesa  
escola brasileira  
ensino supletivo à distância  
não vão à escola porque

\_\_\_\_\_

**aa) Na escola, os filhos têm encontrado dificuldades?**

não  
maus tratos  
comunicação (idioma)  
não adaptação ao sistema  
discriminação  
não freqüentam escola  
outros  
quais? \_\_\_\_\_

**bb) Você e sua família se adaptaram à vida no Japão?**

sim  
não  
mais ou menos  
alguns dos membros da família têm problemas

**cc) Qual a maior dificuldade que você está enfrentando aqui no Japão?  
(assinale somente as alternativas que julgar importante)**

comunicação (língua)  
adaptação no emprego  
creche/escola para os filhos  
doenças/depressão  
saudades do Brasil  
rebeldia dos filhos  
não adaptação aos usos, alimentação, costumes e pensamento japoneses  
discriminação  
desemprego  
relação com autoridades  
relação com os empregadores  
relação com colegas de trabalho japoneses  
relação com colegas de trabalho brasileiros  
relação com os vizinhos  
relação com os japoneses em geral  
excesso de trabalho  
aprendizado/manutenção da língua portuguesa para os filhos  
legislação local

**dd) Como você tem notícias dos familiares e amigos?**

cartas  
telefonemas  
e-mail próprio em casa  
e-mail no trabalho  
e-mail de acesso público  
e-mail de telefone celular  
não me comunico com eles



jj) O número médio de horas trabalhadas por semana é \_\_\_\_\_ horas

kk) O seu objetivo financeiro é de conseguir acumular:

US\$ \_\_\_\_\_ (dólares americanos).

não pensei nisso

ll) Você faz remessas regulares de dinheiro para o Brasil:

sim não

mm) Caso você faça remessas para o Brasil, qual o valor dessas remessas:

US\$ \_\_\_\_\_ (dólares americanos) a cada \_\_\_\_\_ (período)

### EMPREENDEDORISMO E CAPACITAÇÃO

nn) Caso você tenha tido experiência com negócios próprios ou em situações de chefia, encontrou dificuldade em:

Não tive experiência

	Sim	Não
Planejamento		
Execução		
Abrir negócio		
Acompanhamento		
Liderança		
Gerenciamento		
Legislação tributária		
Legislação trabalhista		

oo) Você pretende abrir o seu próprio negócio (no Brasil ou mesmo no Japão) com o fruto de seu trabalho no Japão?

sim estou em dúvida não

pp) Você consideraria trabalhar em um negócio em forma de cooperativismo/associativismo?

sim nunca pensei nisso não

qq) Você já buscou informações no Japão ou no Brasil com pessoas que trabalham em negócios que deseja desenvolver no Brasil?

sim não

rr) Daqui do Japão você busca informações atualizadas sobre trabalho, empresas e economia do Brasil?

sim não

algumas vezes

ss) Você teria tempo/interesse em freqüentar aqui no Japão cursos de língua japonesa, cultura/costumes, profissionalizante (massagem oriental,

**eletrônica, mecânica, computação etc) ou gerenciamento/empreendedorismo?**  
 não pensei nisso

	Língua	Cultura	Profissionalizante	Gerenciamento
Nem tempo/ nem interesse				
Tempo mas não interesse				
Interesse mas não tempo				
Gostaria, mas não sei como				
Já freqüente				

**tt) Voltando ao Brasil, que tipo de apoio você julga necessitar? (pode escolher mais de uma opção)**

- nunca pensei nisso
- de amigos e familiares para readaptação na cidade, no País
- de amigos e familiares para arrumar trabalho
- de capacitação profissional para facilitar arrumar emprego
- educacional, para adaptação dos filhos na escola
- gestão empresarial através de cursos e treinamentos para abrir um negócio próprio
- para regularizar documentação
- assistência médica
- assistência psicológica
- outro – qual? \_\_\_\_\_

**uu) Onde morava no Brasil?**

\_\_\_\_\_ (cidade)  
 \_\_\_\_\_ (estado)

**vv) Onde pretende morar no Brasil?**

\_\_\_\_\_ (cidade)  
 \_\_\_\_\_ (estado)

CIDADE \_\_\_\_\_

PROVÍNCIA \_\_\_\_\_

Muito obrigado!